



GOVERNO DO ESTADO DO
AMAZONAS

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

**FAÇA VOCÊ MESMO, A FORÇA POLÍTICA DO SKATE EM
MANAUS – AM. TERRITÓRIO E PODER.**

MANAUS - AM
(2024)

IGOR RIBEIRO DA SILVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas para a
obtenção do título de Licenciado em Geografia

Orientadora: Susane Patrícia Melo de Lima

MANAUS - AM

(2024)

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

S586ff SILVA, IGOR RIBEIRO DA
FAÇA VOCÊ MESMO, A FORÇA POLÍTICA DO
SKATE EM MANAUS – AM. TERRITÓRIO E PODER. /
IGOR RIBEIRO DA SILVA. Manaus : [s.n], 2024.
63 f.: color.; 30 cm.

TCC - Graduação em Geografia - Licenciatura -
Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2024.

Inclui bibliografia

Orientador: SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA

1. skate. 2. cidade. 3. território. 4. política. 5.
poder. I. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA
(Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III.
FAÇA VOCÊ MESMO, A FORÇA POLÍTICA DO SKATE
EM MANAUS – AM. TERRITÓRIO E PODER.

IGOR RIBEIRO DA SILVA

**FAÇA VOCÊ MESMO: A FORÇA POLÍTICA DO SKATE EM
MANAUS – AM. TERRITÓRIO, POLÍTICA E PODER.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas
para a obtenção do título de licenciada em Geografia

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Susane Patrícia Melo de Lima

MEMBRO EXTERNO: Fredson Bernardino Araújo da Silva

MEMBRO INTERNO: Francilene Sales da Conceição

Manaus, 19 de Fevereiro de 2024

CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Ata de apresentação oral de monografia do aluno **IGOR RIBEIRO DA SILVA** de Licenciatura em Geografia da Escola Normal Superior em 20 de fevereiro de 2024.

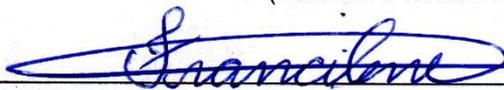
No vigésimo dia do mês de fevereiro de 2024, às 14:00 horas, na Sala 15 – Lourdes Teles, da Escola Normal Superior, o aluno **IGOR RIBEIRO DA SILVA**, realizou a sua apresentação de monografia intitulada “**FAÇA VOCÊ MESMO: A FORÇA POLÍTICA DO SKATE EM MANAUS-AM. TERRITÓRIO, POLÍTICA E PODER**”. A banca de defesa foi constituída pelos seguintes membros: PROFA. DRA. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA (presidente), PROF. ME. FREDSON BERNARDINO (membro externo), PROFA. DRA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO (membro interno). A presidente deu início à sessão convidando os membros da banca e o graduando para tomar assento e iniciar a apresentação. Após apresentação do graduando, foi feita a arguição pelos membros que ao final reuniram-se para decidir que o aluno foi *Aprovado*, com a nota *9,5* A sessão foi encerrada e assinada pelos membros da banca e pelo graduando. Manaus, 20 de fevereiro de 2024.



PROFA. DRA. SUSANE PATRÍCIA MELO DE LIMA
(Presidente)



PROF. ME. FREDSON BERNARDINO
(Membro Externo)



PROFA. DRA. FRANCILENE SALES DA CONCEIÇÃO
(Membro Interno)



IGOR RIBEIRO DA SILVA
(Graduando)



À velha e a nova escola do skate manauara, minha contribuição para o fortalecimento do Skate como força política.

AGRADECIMENTOS

À minha família, por me incentivarem na arte, nos estudos e por apoiarem às minhas decisões. De onde viemos isso é o maior privilégio que alguém pode ter. Um agradecimento especial à minha mãe por toda parceria que construímos e continuamos cultivando;

À família Lima Carneiro: Elis, Lincoln e Lionel. Vocês cuidaram para que eu chegasse até aqui vivo, amado. Sou eternamente grato por todo carinho e aprendizado que veio de vocês;

À Thainá Vieira de Negreiros, por todas as conversas, conselhos, aprendizados, choros. Você é meu grande amor;

À professora Neliane de Sousa Alves, por me iniciar na pesquisa acadêmica, por me aconselhar na vida pessoal e acreditar no meu potencial;

À professora Suane Patrícia Melo de Lima, pelas aulas incríveis que mudaram minha forma de fazer geografia; e pelo suporte na reta final da graduação, você é uma inspiração profissional.

Ao Luyd Albuquerque, pois sem o seu trabalho pelo skate e sua contribuição, essa pesquisa não seria possível. Via ZN skateboard!

Os skatistas são guerrilheiros urbanos: eles usam coisas inúteis e aproveitam o trabalho do governo e corporações de um modo que os arquitetos nunca imaginaram.

Craig Stecyk, 1976

RESUMO

Em um momento onde o skate está sendo projetado – globalmente – de uma forma nunca antes vista, torna-se importante refletir sobre os paradigmas criados em torno do “rolê” de skate, e como esses paradigmas influenciam a forma com que o skate é praticado no mundo, no Brasil e em Manaus; e como ele está inserido nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais da cidade. Dessa forma, através de uma pesquisa bibliográfica, documental e de campo, este trabalho visa analisar a força política do skate em Manaus-AM numa perspectiva dialética no período da década de 1980 à 2024. Para isso, buscou-se refletir sobre a(s) identidade(s) do skate e como essa prática está inserida nas relações de poder da cidade-mundo – ora atrelada à espetacularização, ora atrelada a marginalização. Essa(s) identidade(s) imersas no campo do poder, imprimem no espaço – concreto – seu(s) território(s), fragmentado(s), descontinuo(s), mas articulado(s). Por isso, através da multiterritorialidade foi possível evidenciar, não só a existência de múltiplos territórios, mas a sobreposição deles através da dominação dos espaços no sentido concreto e da apropriação no sentido simbólico. O poder e o território aqui analisados, evidenciam o caráter político do skate e como ele age como ferramenta de produção e reinterpretação de espaços, democratizando o acesso aos espaços públicos da cidade e promovendo a socialização através de eventos culturais realizados dentro das pistas e “picos”.

Palavras-chaves: Skate, cidade, território, política, poder

ABSTRACT

In a moment that skateboard is being projected – globally – in a way never seen before, it becomes important to reflect about the paradigms created around the skateboard "ride" (rolê), and how those paradigms influenced the way that skateboard is practiced around the world, in Brazil and in Manaus; and how it is inserted in the political, economical, social and cultural relations of the city. This way, through a bibliographical, documental and field research, this work seeks to analyze the political strength of skateboard in Manaus, AM in a dialectical perspective in the period of 1980 decade to 2024. To do so, it was sought to reflect about the identities of skateboard and how this practice is inserted in the power relations of the city-world - sometimes linked to spectacularization, sometimes linked to marginalization. These identities immersed in the field of power, they print in concrete space their territories, fragmented, discontinuous, but articulated. For this reason, by the multiterritoriality, it was possible to put in evidence, not only the existence of multiple territories, but their superposition through the domination of spaces in the concrete sense and through the appropriation in the symbolical sense. The power and territory analyzed here make evident the political character of skateboard and how it acts as a production tool and reinterpretation of spaces, making democratic the access to public spaces and promoting the socialization through cultural events made in and out of the skateparks.

Keywords: Skateboard, city, territory, politics, power.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Luiza Erundina subindo em um skate, 1990.

Figura 2 - Skatista manauara descendo um obstáculo na rua.

Figura III: Skatista em São Paulo descendo um corrimão na rua em 1988.

Figura IV: A - Craig R. Stecyk III em Ocean Park Pier, Califórnia, com prancha de surf Zephyr, 1974. B – Jay Adams, em uma piscina vazia em Bel Air, California, 1976. C - Stacy Peralta, em uma rua de Santa Monica, California, 1974.

Figura V: A – Capa da revista Yeah! nº2 (1980). B – Capa da revista Yeah! nº10 (s/d).

Figura VI: A – Zine “Periféricos Skate info” nº4. B – Zine “Periféricos Sk8zine” nº5.

Figura VII: A – Skatista manauara deslizando em banco na Praça do Congresso. B – Fábio Afonso saltando bando na Praça do Congresso (Manaus, s/d).

Figura VIII: Pico histórico no Parque dos Bilhares destruído em obra da prefeitura de Manaus em 2023.

Figura IX: formas do território do skate.

Figura X: A – Reforma do street park da Ponta Negra (2023). B – Reinauguração do street park Ulysses Boca (2024).

Figura XI: A – “Funbox” do Formigueiro danificada. B – “Funbox” do Formigueiro reformada pelos *locais*. C – “Caixote” do Formigueiro danificado. D – “Caixote” do Formigueiro reformado pelos *locais*.

Figura XII: Mapa de localização das pistas de skate em Manaus (2023).

Figura XIII: A – Construção da Pista do Mindu (2017). B – Pista do Mindu atualmente (2024).

Figura XIV: A – Pista do Viver Melhor visão aérea. B – Público prestigiando o evento Conexão Hip-Hop na Pista do Viver Melhor.

Figura XV: A – Corrimão instalado pelos *locais* em 2023. B – Rampa construída pelos *locais* em 2023. C – Obras da prefeitura, obstáculos de *street skate* no Viaduto do Manoa. D – Obras da prefeitura, rampa de transição no Viaduto do Manoa.

Figura XVI: Exemplo de algumas outras culturas tangentes ao skate, e as “máximas” dos eventos realizados na Pista do Mindu e na Pista do Viver Melhor I.

LISTA DE QUADROS

Quadro I: As duas cargas do território em Haesbaert.

Quadro II: Pistas de skate em Manaus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I – Um breve apanhado histórico	16
CAPÍTULO II – Esporte espetáculo x Prática corporal urbana: as identidades do skate	19
CAPÍTULO III – O poder e o controle de corpos: skate? Só se for na pista!	27
CAPÍTULO IV – O território do skate em Manaus: pistas e picos	34
CAPÍTULO V – A (des)Marginalização de espaços públicos	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXOS	56

INTRODUÇÃO

Este estudo busca compreender o poder político do skate na cidade de Manaus-AM através de uma análise dialética da “identidade do skate”, das relações de poder e do território dos skatistas na metrópole. Para isso, recorreremos aos estudos de Maheirie (2022) e Debord (2003) para traçar os perfis dessa “identidade” e da falsa dicotomia entre skate esporte e o skate de rua, além de demonstrar como a espetacularização dessa prática influenciou na aceitação do skate como prática esportiva e na marginalização do skate como prática corporal urbana. Também nos apoiamos nos trabalhos de Foucault (2008), Raffestin (1993), Lefebvre (2008) e Mondardo (2009) para entender como as relações de poder atuam na dinâmica sociedade-cidade-skate. E por fim, utilizamos os estudos de Haesbaert (2004) para analisar a manifestação do território do skate na cidade de Manaus-AM.

Reconhecendo que, as identidades, as relações de poder e o território se manifestam, modificam-se e ganham significados diferentes conforme se movimentam no espaço-tempo, optou-se por desenvolver essa pesquisa a partir do materialismo histórico de Marx (1983), que caracteriza-se essencialmente por uma prática concreta e uma prática teórica. Portanto, o objeto da pesquisa – o poder político do skate – será investigado a partir da base material (o território manifestado na cidade de Manaus), e localizado em um contexto histórico, uma vez que esse é resultado do movimento histórico, das relações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Então, após um apanhado histórico no capítulo I, trataremos de explicar a generalização¹ adotada neste trabalho para compreender uma aparente dicotomia entre o skatista atleta e o skatista de rua, e relacionar essas identidades – ou leituras – com a espetacularização da prática do skate e a transformação dessa atividade em produto através do modo de vida capitalista da classe hegemônica contemporânea, ou “pós-moderna” (no capítulo II).

Em um momento onde o skate está sendo projetado globalmente, de uma forma nunca antes vista – a partir das Olimpíadas de Tóquio em 2021 – torna-se importante refletir sobre os paradigmas criados em torno do rolê² de skate, e como esses paradigmas

¹ Generalização da prática do skate em duas dimensões: skate esporte, skate como prática corporal urbana.

² “Rolê” é um termo muito utilizado por skatistas e refere-se a andar de skate, passear, dá uma volta ou manobrar com outros skatistas.

influenciam a forma com que o skate é praticado, no mundo, no Brasil e em Manaus; e como ele está inserido nas relações políticas, econômicas, sociais e culturais da cidade.

O skate, desde a sua origem, constitui-se como uma prática essencialmente urbana. Logo, o primeiro paradigma criado diz respeito ao skate praticado a partir da utilização dos equipamentos urbanos. No entanto, nota-se que, a partir da esportivização provocada pela espetacularização do skate – da metade da década de 1970 em diante – a prática se tornou restrita às pistas de skate, pelo menos aos olhos dos indivíduos, grupos, ou organizações exteriores à cultura do skate. Portanto, além de refletir sobre esses paradigmas, esta pesquisa busca trazer luz para o entendimento do skate como uma prática realizada tanto nas pistas de skate, como nas ruas, praças, e demais espaços urbanos.

Esse entendimento passa por situar o skate nas relações de poder que atravessam a dimensão do esporte e da prática corporal urbana. Sobretudo, porque essas relações de poder determinam a forma que o território se apresenta. Portanto, nos capítulos III e IV nos aprofundaremos nos conceitos de poder, biopoder, território, territorialização e multiterritorialização.

Esta pesquisa será contextualizada a partir de registros históricos e obras que tratam sobre o skate desde a década de 1950, no seu país de origem (EUA). No entanto, a análise terá como recorte o território do skate em Manaus-AM desde a década de 1980 até o ano de 2024. A metodologia aplicada neste trabalho consiste em três principais pilares: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a pesquisa de campo. Em um primeiro momento recorreu-se as contribuições de alguns autores para que se tivesse um ponto de partida e uma base teórica bem definida para as discussões acerca da prática do skate, do sujeito skatista, do poder e do território. Para entender as questões históricas, políticas e sociais se utilizou de fontes como obras audiovisuais, revistas, matérias de jornais, registros pessoais, documentos oficiais e alguns marcos legais (essas fontes compõe o corpo documental do trabalho). E por fim, foram realizadas investigações *in loco* através de observações, conversas abertas (em eventos de skate) e experiências pessoais para que fosse possível refletir sobre os conceitos aqui trazidos a partir do espaço vivido.

Com base nas discussões teóricas e nas investigações realizadas nos “picos” e pistas de Manaus – com o apoio das fontes documentais – foi possível analisar o skate a partir da dimensão política que essa prática apresenta frente à sociedade de segurança pós

moderna. Também foi possível tracejar os contornos, ou melhor, o emaranhado do território-rede do skate em meio à fragmentação da cidade. Além trazer luz para o paradigma do skate como prática corporal urbana, e para o skate de rua como ferramenta de reinterpretação de espaços, que “desmarginaliza” espaços públicos subutilizados, e que atua na inclusão social, na produção cultural e na promoção do esporte e lazer na cidade.

CAPÍTULO I – Um breve apanhado histórico

Apesar de existirem registros de atividades próximas ao skate desde 1918 (DIAS, 2011) e de uma patente desse objeto em 1939 (BRANDÃO, 2008), foi só na década de 1950 que o skate como conhecemos hoje começou a ser praticado. E segundo o sociólogo Giancarlo Machado, foi só a partir da década seguinte que esse brinquedo improvisado adquiriu novos significados.

Com a irregularidade das ondas em praias californianas, vários surfistas norte-americanos apropriaram-se das tábuas com rodinhas e deram um outro sentido ao seu uso: após alterarem seus formatos, ficando semelhantes a uma pequena prancha, elas se tornaram uma espécie de surfe sobre rodas. [...] por sua proximidade com o universo do surfe, a prática do skate inicialmente foi chamada de *sidewalk surfing*, expressão que pode ser traduzida como “surfe de calçada”. (MACHADO, 2014, p.20)

Vale ressaltar que desde a década de 1950, o skate passou por períodos de altas e baixas na sua popularidade, muitas vezes visto como uma moda passageira, praticada por arruaceiros, vândalos, ou pessoas sem perspectivas. No entanto, a partir de 1972, a introdução do poliuretano na construção das rodas de skate provocou, segundo Brandão (2008), “uma reviravolta na história dessa atividade”. O historiador explica que com esse material “os skates passaram a ser mais velozes e aderentes ao asfalto, conquistando rapidamente um maior número de adeptos”. Esse *boom* possibilitou o aparecimento de inúmeras manobras, o que culminou na criação de campeonatos, marcas, fábricas e lojas especializadas.

Com um afastamento cada vez maior do surfe, o skate foi consolidando uma identidade própria e se ramificou em modalidades (esportivas) diferentes como: o *downhill*, voltado para a velocidade e realizado em ladeiras; o *freestyle*, voltado à práticas de manobras e realizado em solos lisos e planos; e mais tarde o skate vertical, praticado em piscinas vazias ou rampas em formato de “U”. Toda essa popularização se deu com a

ajuda do desenvolvimento de uma mídia especializada que chamou atenção dos jovens estadunidenses e despertou o interesse econômico de marcas de roupas, equipamentos, bebidas energéticas, automóveis etc.

O skate chegou ao Brasil através de alguns surfistas cariocas ainda no final da década de 60, que o descobriram em anúncios veiculados por uma revista norte-americana chamada *Surfer* (BRANDÃO, 2008). Vale destacar que o Brasil estava passando pelo início da Ditadura Militar e que não haviam skates (ou surfinhos como eram chamados) para vender no país. Sendo assim, os cariocas improvisavam usando eixos e rodas de patins fixadas à uma madeira cortada no formato que viam nas revistas.

Enquanto no Estados Unidos a prática ganhava espaço devido aos eventos realizados por grandes marcas e se iniciava o processo de esportivização do skate, aqui no Brasil essa atividade se limitava à espaços como ruas, estacionamentos e monumentos históricos, e era associada a grupos marginalizados como os *punks*. Foi por volta de 1974, que os primeiros skates passaram a ser vendidos no Brasil, e é em 1977 que surge a primeira revista de skate com distribuição nacional (*Esquete*), o que influenciaria fortemente a forma com que o skate seria praticado no país nos próximos anos, discussão que traremos posteriormente nesta pesquisa.

Na década de 80, um dos locais preferidos pelos skatistas na cidade de São Paulo era o Parque do Ibirapuera, onde, na época, estava situada a sede da prefeitura. Em 1986 Jânio Quadros ganha as eleições para prefeito, e por já ver a prática com maus olhos, ainda no primeiro ano de mandato o prefeito “deu suas primeiras ordens para coibir a prática do skatismo por lá” (BRANDÃO, 2014 p. 304). A partir disso, a polícia militar e a guarda municipal da cidade passaram reprimir ainda mais os skatistas, principalmente no Ibirapuera, e dois anos depois a prática foi proibida não só no parque, mas em toda a cidade.

Em 1989, Luiza Erundina ganha as eleições para prefeita de São Paulo e revoga a proibição do skate na cidade tendo em vista a grande popularização da prática em todo o mundo. Mesmo após essa medida, a influência da proibição de Jânio Quadros reverberou durante muitos anos em várias cidades do Brasil, principalmente quando a prática era realizada fora das pistas.

Figura I: Luiza Erundina subindo em um skate, 1990



Foto: Epitácio Pessoa/Estadão Conteúdo/ 14/09/1990. Fonte: uol.com.br

Apesar de existirem registros da prática de skate em Manaus desde a década de 70, (a partir da comercialização do modelo *Hang Ten* na capital) Foi só em 1987 que foi realizado o primeiro grande evento de skate (esporte) na cidade, intitulado “Feras do Skate”. O evento foi promovido pela Rádio Cidade FM (AMPOST, 2021) e aconteceu na Avenida Djalma Batista, na modalidade mais popular da época: o skate vertical (pista de skate em formato de U).

Figura II: Skatista manauara descendo um obstáculo na rua

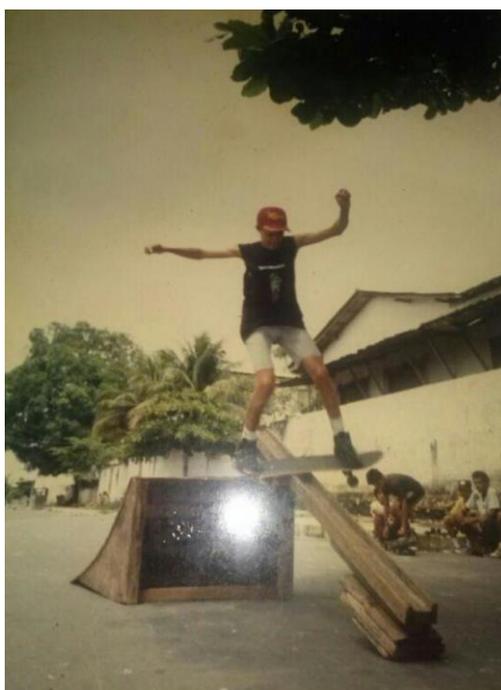


Foto: Luyd Albuquerque, s/d

Mesmo com a grande popularização do skate mundialmente nessa década, os skatistas da época ainda se apropriavam de espaços públicos para realizarem suas atividades. Foi só no final da década de 1990 que a primeira pista de skate foi construída em Manaus, na Fundação Vila Olímpica com o intuito de treinar atletas de skate. E em 2002, Manaus recebeu a sua primeira pista pública de uso livre, a pista da Ponta Negra.

CAPÍTULO II – Esporte espetáculo x Prática corporal urbana: as identidades do skate

Neste trabalho, ao falar sobre um “sujeito skatista”, refere-se a construção social e histórica do que constitui a consciência e a identidade do grupo skatista, e não da individualidade de um ser. Essa simplificação ajudará o interlocutor a entender a leitura que se faz dos skatistas a partir das abordagens dessa pesquisa, uma vez que o skate é praticado por pessoas de diferentes classes sociais, idades, realidades etc.

Maheirie (2022) com base em Sartre diz que

“De qualquer maneira e independente do conceito que se possa utilizar, entendemos que toda e qualquer concepção de sujeito traz implícita ou explicitamente uma ontologia que a sustenta. Ou seja, toda teoria traz uma concepção do ser em geral (homem e coisas), que serve de horizonte para fundamentação e desenvolvimento de uma concepção do que seja o homem.” (p.32)

Em síntese, a autora descreve que o sujeito é formado por uma consciência e uma identidade. Essa consciência só existe em relação ao meio social e ao movimento histórico, e ela é resultado de uma construção coletiva sempre inacabada. Da mesma forma, Maheirie, citando Sousa Santos (1995), diz que a identidade desse sujeito se apresenta de forma mutante, e reforça a sua utilização para a esfera coletiva, que só pode ser compreendida como “resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Identidades são, pois, identificações em curso.” (apud Maheirie, 2022, p.34). E por apresentarem questões de poder, são, portanto, uma categoria política.

Em resumo a autora diz que:

Todo processo de construção deste sujeito é realizado no coletivo e, por ser uma obra de autoria coletiva, em maior ou em menor medida, a história pode lhe escapar. Assim, inserido neste cenário de múltiplas singularidades que se entrecruzam, ele realiza a sua história e a dos outros, na mesma medida em que é realizado por ela, sendo, por isso, produto e produtor, simultaneamente. Ele não a realiza como bem entende, mas também não se constitui como um objeto

dela, podendo realizá-la de uma forma mais ou menos alienada, sempre em função de um projeto. (p. 36)

Dito isso, é possível inferir que o Sujeito skatista, enquanto consciência e identidade de um grupo, produz o território no momento que produz a sua própria existência. E como a construção desse sujeito é determinada por um contexto histórico, social, político e cultural, é possível haver múltiplos sujeitos skatistas e múltiplos territórios do skate na cidade, assim como é possível haver múltiplas leituras sobre quem é o sujeito skatista e como ele territorializa/reterritorializa a cidade.

Para quem está distante da cultura do skate essa prática pode apresentar uma identidade sólida. No entanto ao observar mais de perto é possível concluir que o skate não possui uma identidade bem definida, pelo contrário, pode apresentar múltiplas identidades a medida que é praticado por grupos de diferentes classes sociais. Dessa forma, este trabalho se utilizará de generalizações para que seja possível refletir sobre duas facetas socialmente reconhecidas do skate: o skate como prática esportiva, e o skate como prática corporal urbana.

Como já foi mencionado anteriormente, a partir da década de 1970 o skate despertou um grande interesse econômico de diferentes indústrias, o que culminou no processo de esportivização dessa prática. A partir daí o skate passou a ser praticado em ambientes controlados, com regras, pontuações e se tornou palco de uma massiva publicidade de marcas de diferentes setores. Esse movimento começou nos Estados Unidos e logo se espalhou para diversos países.

Neste ponto, é importante recorrer ao conceito de “Espetáculo” desenvolvido por Guy Debord para entender os rumos do skate a partir desse momento.

A consolidação do modelo capitalista na pós-modernidade se deu a partir da apreensão do modo de vida capitalista, que de forma geral está pautado no consumo. Para Debord o espetáculo é um instrumento de unificação, ele não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens. (DEBORD, 2003)

Nesse sentido Debord (2003, p. 9-10) explica que “[...] o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. Ele é a afirmação onipresente da escolha *já feita* na produção, e no seu corolário – o consumo.” Em outras palavras, o espetáculo é um modo de vida, ou uma visão de mundo construída pela classe dominante e vendida

através das suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento.

O autor complementa dizendo que:

O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente. (DEBORD 2003, p. 10)

Trazendo para o mundo do skate, a prática que antes era associada à pessoas marginalizadas adquiriu uma potencialidade econômica. E quando passou a ser utilizada por grandes marcas para alcançar um público consumidor maior, ganhou um caráter de prática esportiva, e os “marginais” se tornaram atletas. Dessa forma o espetáculo gerou uma nova realidade onde o skate é aceito socialmente. E isso só foi possível a partir do potencial econômico do skate. A realidade surgiu no espetáculo, e o espetáculo na realidade.

Vale ressaltar que essa aceitação social do skate diz respeito às modalidades esportivas até então consolidadas: o *downhill*, o *freestyle* e o skate vertical. E que esse espetáculo tem a sua raiz no *terreno da economia*, mas

A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do ter e do parecer, de forma que todo o “ter” efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. (DEBORD 2003, p. 13)

Ou seja, essa espetacularização tem como produto a criação de uma faceta do skate socialmente aceito, e de um perfil de pessoa lida como atleta; um indivíduo que anda de skate em ambientes controlados, participa de competições e carrega consigo “signos da produção reinante”. E aos que não possuem esse perfil, o que sobra são os estigmas e as violências, no sentido mais amplo da palavra.

Essa popularização do skate, provocada pela espetacularização, difundiu a prática de uma forma nunca antes vista. E novas identidades foram criadas dentro desse universo, como: o skate como expressão artística e política, como terapia, lazer etc. À essas novas

identidades, desassociadas da esportivização, chamaremos de prática corporal urbana, principalmente por não estarem restritas à utilização das pistas de skate.

Figura III: Skatista em São Paulo descendo um corrimão na rua em 1988



Fonte: BRITTO, E. (org.). *A Onda Dura: 3 Décadas de Skate no Brasil*. São Paulo: Parada Inglesa, 2000, p. 30.

O skate como prática corporal urbana, tem como palco principal da sua existência a cidade e caracteriza-se a partir da apropriação de espaços públicos e privados. Essa apropriação remonta os primórdios do skate, no entanto é só a partir desse *boom* do skate esporte que a cidade passa a ser explorada pelos skatistas como um universo de potencialidades. Corrimões, escadarias, calçadas e muros passam a ser encarados como obstáculos e novas manobras são criadas. A essa prática foi dado o nome de *street skate*, que em tradução livre seria skate de rua.

Uma figura emblemática na consolidação da cultura do skate de rua é o artista, escritor, fotojornalista e cineasta americano Craig Stecyk. Conforme mostra o documentário “Dogtown and Z-Boys – onde tudo começou” (2001), Stecyk, a partir das suas fotografias e matérias em revistas independentes, difundiu o estilo de skate praticado em Dogtown (Califórnia), que valorizava a plasticidade das manobras e a atitude expressa através do skate e das apropriações de espaços proibidos. Muitas vezes relacionando a

forma veloz e rebelde de andar de skate dos Z-Boys (grupo de skatistas de Dogtown) com estilos musicais como o *punk* e o *hardcore*.

Figura IV: A - Craig R. Stecyk III em Ocean Park Pier, Califórnia, com prancha de surf Zephyr, 1974. B - Jay Adams, em uma piscina vazia em Bel Air, Califórnia, 1976. C - Stacy Peralta, em uma rua de Santa Monica, Califórnia, 1974

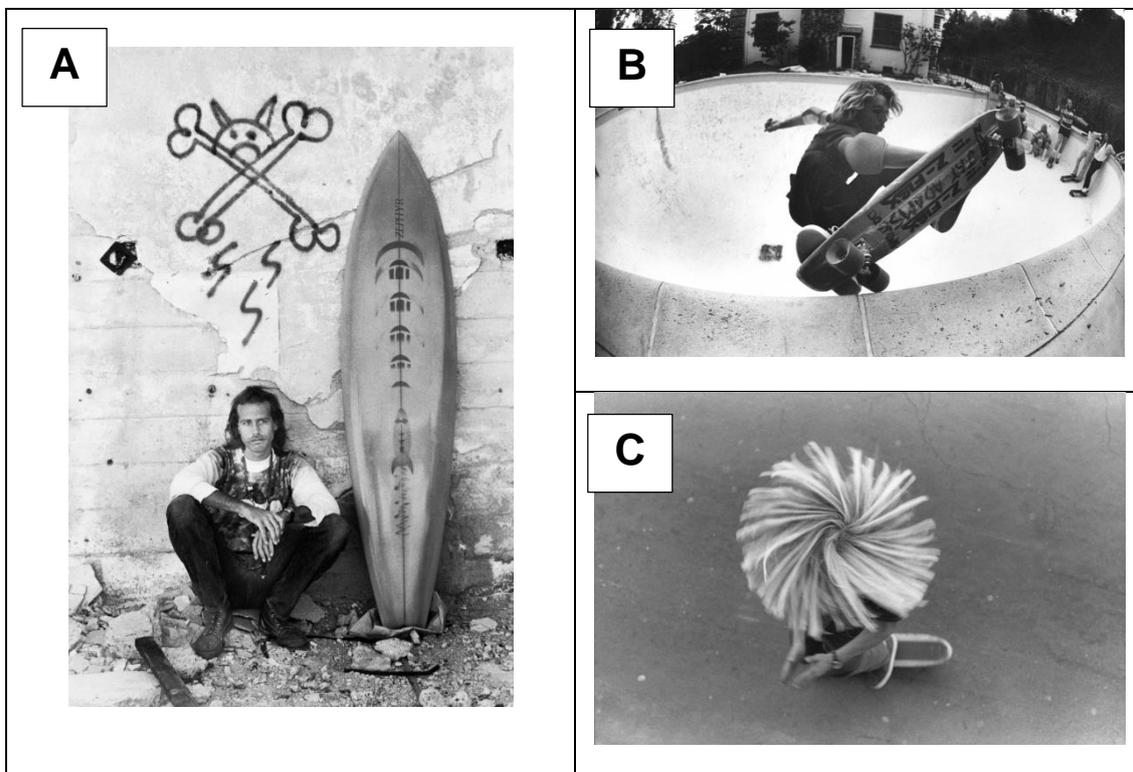


Foto: A - Anthony Friedkin. B - Craig R. Stecyk III. C - Craig R. Stecyk III. Fonte: artinthestreets.org

O movimento Punk é descrito por Brandão e Machado (2021, p.89) como um “movimento de contestação juvenil ligado à política, à estética e, principalmente, à música e ao comportamento”. Esse movimento muitas vezes se aproximava do anarquismo e mesmo que muitos punks não fossem versados em história e teoria do anarquismo, havia entre a maioria a “crença formada em torno dos princípios anarquistas de não ter um governo oficial ou governantes” (O’HARA, 2005, p. 74).

Dessa forma, jovens que não conseguiam acessar o skate esporte e sofriam com os estigmas relacionados a marginalidade, viram no punk e no skate uma forma de afirmar sua identidade através de uma “cultura corporal anárquica” (expressão utilizada por Poter 1992). A consequência disso foi a criação do skatista de rua, jovens que se apropriam da dimensão material da cidade para realizar as suas manobras guiados pela rebeldia e o espírito contestador que vai de encontro com o modo de vida capitalista de consumo e da própria produção da cidade.

No Brasil, o skate e o punk cresceram juntos durante a ditadura militar, e se fortaleceram após a abertura política do país nos anos 80 (BRANDÃO & MACHADO, 2021). Nesse contexto, as revistas especializadas que surgiram nesse período ajudaram a difundir o skate de rua, divulgando lugares da cidade propícios para essa prática. Ao contrário de outros lugares no mundo, que por conta do skate esporte já contavam com políticas públicas voltadas para a prática do skate, a cena do skate se formou e se fortaleceu no Brasil dentro de estacionamentos, praças, monumentos históricos e outros espaços da cidade.

Portanto, as revistas de skate, com distribuição nacional – assim como *zines*³ locais – entre a metade da década de 70 e a década de 80, influenciaram fortemente a forma de praticar skate no país, incentivando a prática do skate de rua e difundindo o estilo de vida punk através da indicação de bandas, quadrinhos independentes e textos que falavam sobre a apropriação da cidade e a negação da cultura consumista. Não obstante, essa prática foi proibida no governo de Jânio Quadros em São Paulo e combatida em vários outros estados do país nas décadas seguintes, criando uma imagem negativa dos skatistas.

Neste ponto, é possível retomar a discussão a respeito da construção do sujeito. Como essa construção tem a ver com uma identidade e consciência coletiva, ao falar de um sujeito skatista neste trabalho, refere-se a leitura que se faz dele tendo em vista as duas facetas mencionadas anteriormente: a do skate como prática esportiva e a do skate como prática corporal urbana. Dessa forma é possível falar de dois sujeitos skatistas, o skatista atleta e o skatista de rua. Um sujeito aceito socialmente e outro marginalizado.

O skatista atleta, aos olhos da sociedade, desenvolve sua prática nas pistas de skate e/ou em espaços cedidos para essa prática, com o intuito de treino, competição ou apresentação. Muitas vezes essa prática está associada à símbolos (econômicos) do espetáculo, como o entretenimento, campanhas publicitárias ou shows. Já o skatista de rua realiza suas manobras em espaços diversos da cidade (públicos ou privados) e essa prática geralmente acontece através de negociações com os demais cidadãos ou através de conflitos. Nessa relação com a cidade, o objetivo do skatista de rua não é marcar pontos, vencer um adversário ou obter algum ganho econômico, mas superar um

³ A expressão zine descende da palavra “magazine”. O zine seria então uma revista não oficial, produzida por entusiastas de uma cultura particular, para o prazer de outros que compartilham o mesmo interesse.

obstáculo e vencer a si mesmo. A partir dessas duas imagens (ou leituras) dos skatistas, o skate pode ser incentivado pelo Estado e pela sociedade, ou reprimido por eles.

Figura V: A – Capa da revista Yeah! n°2 (1980). B – Capa da revista Yeah! n°10 (s/d)



Fonte: A - veteranskater.com.br. B - dexsk8.blogspot.com

Ao se aprofundar nessa questão, é possível perceber que essas identidades não são cristalizadas e não se resumem em si, uma vez que os skatistas podem ao mesmo tempo praticar o skate nas pistas públicas e privadas, e participarem de competições, ao passo que também podem se apropriar de outros espaços da cidade. No entanto, a leitura social dos skatistas muda a partir dos “signos da produção reinante” (DEBORD, 2003). Nesse sentido existe uma força política, social e econômica que reduz a prática do skate às pistas e às competições.

O objetivo aqui proposto é trazer luz para: o skate como prática típica e essencialmente urbana, e para o reconhecimento do skatista como um cidadão que também se apropria da dimensão material da cidade e realiza suas práticas dentro e fora das pistas de skate. Fazendo uso do conceito de “cidade-texto” de Deusdeth Junior (2000), a cidade pode ser compreendida, questionada e interpretada como um texto, de múltiplas formas.

Mendonça (2007, p. 297) afirma que “a forma do ambiente urbano se encontra necessariamente relacionada às articulações dos interesses e esforços sociais e econômicos, envolvendo neste sentido, as pessoas, seus desejos e intenções.” Dessa forma, a apropriação da cidade pode se dá através da função objetiva do ambiente urbano, ou das possibilidades intuídas a partir dele, adaptadas às necessidades imediatas ou aos desejos e intenções não satisfeitos na construção do ambiente.

Figura VI: A – Zine “Periféricos Skate info” n°4. B – Zine “Periféricos Sk8zine” n°5

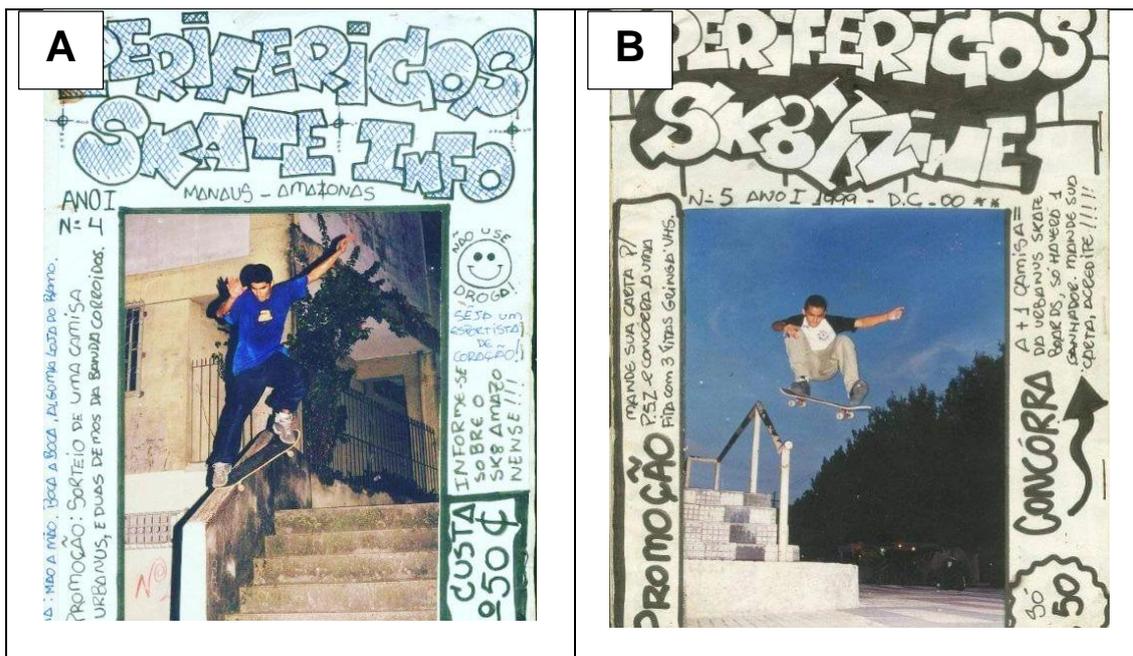


Foto: Luyd Albuquerque, 2023

Por fim, Mendonça conclui que:

É importante salientar que as apropriações, mesmo quando intuídas e adaptadas não implicam, necessariamente, em inadequação ou indícios de marginalidade. Podem, ao contrário, indicar criatividade, capacidade de melhor aproveitamento das infra-estruturas públicas e fornecer subsídios que alimentem o projeto e a construção futura de ambientes desta natureza. (MENDONÇA. p. 297)

Portanto, ao reconhecer os skatistas como agentes sociais e considerar as diferentes apropriações do espaço como parte da vida urbana, é possível compreender esses usos diferenciados como uma necessidade da reestruturação física, ou de flexibilização no uso do espaço. Em outras palavras, a cidade deve possuir uma função social, e isso passa por levar em consideração os múltiplos agentes sociais no âmbito do urbanismo. Um banco de praça, para além da sua função objetiva, muitas vezes serve como “cama” para pessoas em situação de rua descansarem, e outras vezes serve como

obstáculos para os skatistas usarem. Nos dois casos, o objetivo desses indivíduos não é destruir o banco por não usarem para sentar, mas de simplesmente darem um novo significado para aquele espaço.

CAPÍTULO III – O poder e o controle de corpos: skate? Só se for na pista!

Os espaços são controlados pela relação de poder, e o corpo como elemento material e inerente à existência dos seres humanos, sempre foi de fundamental importância para a produção e reprodução espacial. Essa interação entre as relações sociais de poder e a materialidade do espaço (a terra) constitui o que conhecemos como território, e admitindo que o *sujeito-corpo* é o primeiro território de dominação, recorreremos aos autores Foucault (2008), Raffestin (1993) e Mondardo (2009) para entender o que é o poder e como ele pode dominar/disciplinar/controlar os corpos na sociedade contemporânea.

Para Raffestin (1993, p. 52) “o poder é parte intrínseca de toda relação” ou seja, toda relação é uma relação de poder. Dessa forma, o poder se apresenta a partir de um processo de troca ou de comunicação, onde forças que dispõem os *dois parceiros* fazem face um ao outro ou se confrontam. E assim como um ímã esses dois parceiros criam um campo: o campo do poder. Como essas relações geralmente intuem o domínio de um sobre o outro, Foucault (apud Raffestin 1993, p. 53) diz que “onde há poder há resistência e no entanto, ou por isso mesmo, esta jamais está em posição de exterioridade em relação ao poder”. Nesse contexto, essa resistência exprime o caráter dissimétrico que quase sempre caracteriza as relações, e pode se apresentar como a resistência da matéria ou resistência do corpo social à transformação.

Ao tentar economizar nomenclaturas a respeito do poder, Raffestin (1993) diz que o poder é resultado de combinações variáveis de *energia e informação*, e descarta termos como “influência” e “autoridade” assumindo que fazem parte do que é o poder.

Em outros termos, pode-se dizer que o poder, quanto aos meios mobilizados, é definido por uma combinação variável de energia e informação. Com esses dois elementos presentes, é possível dizer que há poderes com forte componente energético ou, inversamente, poderes com forte componente informacional. (RAFFESTIN, 1993, p.55)

Outro aspecto a ser destacado nesse estudo é que todo ponto de exercício do poder é ao mesmo tempo um lugar de formação do saber (informação). Segundo Foucault “a energia pode ser transformada em informação, portanto em saber; a informação pode

permitir a libertação da energia, portanto de força” (s/d, apud Raffestin 1993, p. 56). Sendo assim, o poder, nessas condições, torna-se um lugar de transmutação.

Recorrendo aos estudos de Lapierre (1968), Raffestin conclui dizendo que o que fundamenta o poder é o trabalho. “Pela inovação técnica e econômica, os homens transformam seu meio natural. Pela inovação social e cultural, transformam seu meio social” (Apud Raffestin 1993, p. 57). E para o autor, o trabalho não pode ser nada mais que a força dirigida, orientada, canalizada por um saber.

Para Raffestin (1993) o poder sempre vem de baixo. Mas se a força de trabalho é a única coisa que os homens podem dispor livremente - e o trabalho é esse vetor composto pela energia e informação, ou poder – como as relações se apresentam de forma tão dissimétricas na realidade? Pela apropriação do trabalho.

Apropriar-se do trabalho significa destruí-lo ou, mais exatamente, submetê-lo a uma dicotomia e separar a energia da informação: apropriar-se de uma e/ou da outra. No fundo, é impedir o homem de dispor de uma e de outra ao mesmo tempo, o que, conseqüentemente, significa privá-lo de sua capacidade primitiva de transformação. As organizações, ao separarem a energia da informação, no nível do trabalho, realizaram a primeira fissura social (RAFFESTIN, 1993, p. 57)

A partir dessa destruição, as organizações podem controlar mais facilmente os fluxos de energia e os fluxos de informação. Nem sempre essa dominação se dá de forma total, as organizações podem se apropriar da energia e combiná-la com outras forças, ou controlar a informação e criar narrativas para o controle do trabalho. Portanto para que os homens retomem o poder, é preciso “refazer a unidade perdida do trabalho, o que significa entrar num universo conflitual, cuja natureza é puramente política” (RAFFESTIN, 1993, p. 57). O patrão transforma a relação entre homens em relações entre coisas, esvazia a dimensão humana e coisifica o sujeito, o transforma em matéria, em território: o território do corpo.

Sabendo que o poder visa o controle e a dominação sobre os homens e sobre as coisas, Raffestin (1993) discute esse conceito no âmbito da geografia, e diz que esse controle/dominação atua sobre três dimensões, o que o autor chama de “divisão tripartida” do poder, a saber: a população, o território e os recursos. Segundo o geógrafo:

[...] colocamos a população em primeiro lugar: simplesmente porque ela está na origem de todo o poder. Nela residem as capacidades virtuais de transformação; ela constitui o elemento dinâmico de onde procede a ação.

[...]O território não é menos indispensável, uma vez que é a cena do poder e o lugar de todas as relações, mas sem a população, ele se resume a apenas uma potencialidade, um dado estático a organizar e a integrar numa estratégia. Os recursos, enfim, determinam os horizontes possíveis da ação. Os recursos condicionam o alcance da ação. (p. 58)

Essas três dimensões de domínio são chamadas de “trunfos do poder” e uma relação pode privilegiar mais um do que outro, mas de qualquer forma todos sempre são mobilizados simultaneamente. Fato é que essas relações podem se comportar como um “jogo de soma nula” quando uns ganham e outros perdem, ou “jogos de soma não-nula” quando existe uma negociação entre as partes e um lado não perde e nem ganha tudo.

As praças do centro de Manaus, durante muito tempo, foram um ponto de encontro para diversos grupos como: skatistas, metaleiros, punks, grafiteiros, rappers etc. Além do mobiliário urbano, a centralidade dessa região facilitava o acesso de grande parte da população através dos terminais de ônibus. Destaca-se aqui, as praças mais utilizadas pelos skatistas: A Praça 5 de Setembro (da Saudade); Praça Heliodoro Balbi (da Polícia); e Praça Antônio Bittencourt (do Congresso). Além da avenida Eduardo Ribeiro. Após quase 30 anos de ocupação – desde o final da década de 80 – as coisas mudaram.

Figura VII: A – Skatista manauara deslizando em banco na Praça do Congresso. B – Fábio Afonso saltando bando na Praça do Congresso (Manaus, s/d)

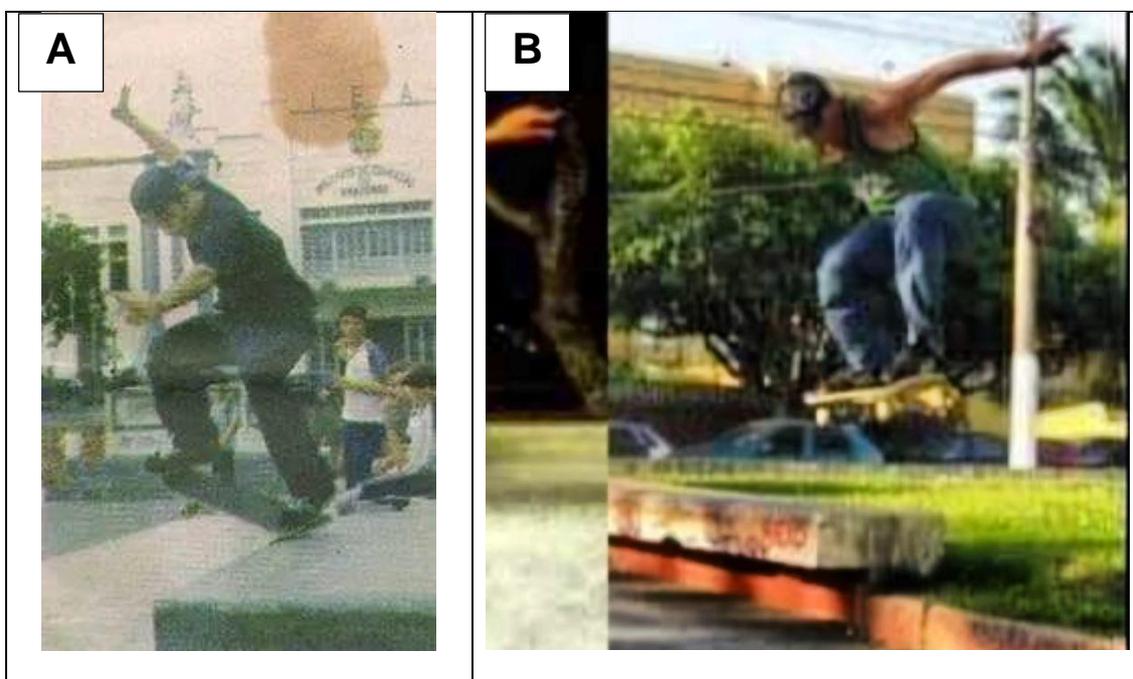


Foto: A – Luyd Albuquerque, 2023. B – Fábio Afonso, s/d.

Em 2011, o então governador do Estado do Amazonas, Omar Aziz, anunciou a primeira fase do Programa Cartão-Postal, “uma iniciativa que pretendia revitalizar um trecho do Centro Histórico, do alto da Avenida Eduardo Ribeiro até a orla portuária e algumas ruas adjacentes” (NASCIMENTO, 2015. p. 104). Numa tentativa de reordenamento do centro histórico, o Estado iniciou a “revitalização” de vários pontos da região sobre o pretexto de recuperar características históricas e tornar esses espaços mais atrativos turisticamente. Essa iniciativa não levou em consideração os usos que os locais tinham, e os frequentadores históricos dos locais não tiveram nenhuma participação nessa decisão. E essas praças que antes tinham características “skatáveis⁴”, agora inviabilizavam a prática.

O skate não foi a única atividade afastada desses locais, a guarda municipal e a polícia militar passaram a patrulhar as praças e impedir que outros grupos marginalizados voltassem a se apropriar das praças, ou dormissem ali (no caso de pessoas em situação de rua). Segundo o skatista Luyd Albuquerque “na Praça do Congresso você não pode nem pisar no skate lá, dá até para andar no meio das coisa, mas não é mais como antigamente. Você pisou na praça, hoje, tem segurança” (grifos meus, 2024).

Nesse sentido, podemos dizer que a revitalização das praças do centro de Manaus, caracteriza-se como um jogo de soma nula, onde os interesses econômicos se sobrepuseram as necessidades de grupos como o dos skatistas. O Estado, nesse caso, aplica sanções físicas afastando certos grupos (domínio da população), retoma o controle material das praças para torna-las mais atrativas turisticamente (domínio do território) e retém em si os recursos do urbanismo (domínio dos recursos).

Segundo Mondardo (2009) o corpo foi necessariamente o primeiro território de construção das relações e, portanto de dominação e controle dos indivíduos. No entanto, a partir do século XIX, a “sociedade disciplinar” se transformou em “sociedade de controle de massas de corpos”. A essa nova forma de controle e dominação Foucault (2008) deu o nome de “biopoder”.

Através da sociedade de segurança o controle do tempo e do espaço dos corpos dos trabalhadores tendência à busca em legitimar e “naturalizar” a ordem espacial e territorial burguesa e, portanto, estatal das relações dos indivíduos. Os “indivíduos-corpos” são controlados enquanto territórios de apropriação (pelo consumo e status) e dominação (controle, disciplina e coerção), imposto

⁴ Skatável: espaço propício para a prática do skate.

muitas vezes pelo ordenamento/disposição espacial do Estado em relação aos indivíduos e da sociedade burguesa em função das relações de disciplinarização territorializadas. (MONDARDO, 2009, p. 1)

Dessa forma, o biopoder age tanto no ordenamento do território - que para o autor segue uma ordem espacial burguesa – quanto no controle do tempo social dos trabalhadores e de sua mobilidade dentro dos territórios. O biopoder age de forma sutil controlando/agenciando a vida, e dessa maneira apresenta-se de forma normal, natural, comum na sociedade. “Portanto, é no adestramento, no controle dos hábitos e na naturalização dos meios de controle que se dá o ordenamento social e territorial.” (MONDARDO, 2009, p. 4)

Tendo isso em mente, é fácil entender o porquê da sociedade encarar essas formas de dominação dos espaços e dos indivíduos compreensíveis. Segundo Mondardo (2009), esses territórios de poder estão ligados à ideia de ordenamento, isto é, a ordem espacial burguesa. “A classe social trabalhadora é controlada pela classe burguesa através das estratégias do Estado pelas leis, pelas imposições, pela força e pelo controle do tempo social dos trabalhadores” (MONDARDO, 2009, p.3)

No livro “O Direito à Cidade” (2008), Lefebvre faz o uso da expressão a “morte da cidade”. O autor separa o que acontece na cidade em duas partes. A primeira delas estaria ligada ao valor de troca. Estariam aí tudo que ocorre na cidade para a reprodução material capitalista. Empregos, empresas, locomoções, estruturas mentais. Em suma: as lógicas ligadas ao trabalho e tudo o que existe para que isto seja sustentado. A segunda, então, estaria ligada ao valor de uso. Nesta divisão estariam os acontecimentos ligados à fruição da cidade, ao divertimento, ao ócio, à festa. Ao se referir a esta morte da cidade, Lefebvre se referência a tomada da dimensão do valor de troca da cidade e a supressão do valor de uso, de forma que a cidade historicamente havia se tornado um grande empresa capitalista, uma estrutura que fomenta e serve de base à acumulação de capital, deixando relegado à um segundo plano todo a potencialidade lúdica e cultural que ela carrega (LEFEBVRE, 2008)

Se skatistas estão se divertindo em uma praça, logo não estão contribuindo essa dimensão do valor de troca da cidade, para essa acumulação do capital, não estão trabalhando e nem consumindo. E a expressão “morte da cidade” é muito interessante do ponto de vista da própria cultura do skate, porque é comum ouvir dos skatista – e de outros grupos como os grafiteiros – ao apropriarem-se de espaços da cidade que: estão dando

vida ao local, estão dando uso para um espaço, movimentando o lugar através sua prática e à outras relacionadas a ela, a saber: a música, a pintura, a fotografia, os vídeos etc.

Nas últimas décadas, o skate como esporte vêm se fortalecendo cada vez mais através da espetacularização dessa prática. Ao pondo do skate de rua se tornar uma modalidade esportiva, não realizado na cidade, mas em pistas que emulam alguns obstáculos comuns da cidade. Esse processo chegou ao seu ápice após o skate se tornar um esporte olímpico e o Brasil conquistar três medalhas. O resultado disso foi uma maior aceitação da prática e um certo “incentivo” por parte do poder público. Muitas cidades passaram a reformar e inaugurar novas pistas a partir desse feito.

Como a espetacularização é a manifestação de uma visão de mundo da classe dominante, e o poder age seguindo a lógica burguesa. Ao falar sobre a popularização do skate e da aceitação social dele, refere-se ao skate praticado nas pistas de skate. Ao legitimar a prática do skate esportivo, o Estado nega a existência do skate de rua. Portanto, a relação de poder que se estabelece aqui é aquela que controla os corpos, que limita a prática às pistas de skate, ao invés de reconhecê-la em sua totalidade e pensar a urbanização levando em consideração os múltiplos usos dos equipamentos urbanos.

No entanto, como o poder não se limita às formas de domínio do Estado e da classe burguesa – mas se constitui na relação com outros indivíduos e/ou grupos, organizações – o skate como movimento cultural e político resiste através de abaixo assinados, mobilizações nas redes sociais, protestos e da territorialização de novos espaços.

Em 2023, a prefeitura iniciou a revitalização do Skate Park Ulysses Boca, situado no Parque dos Bilhares como parte da reinauguração do lugar. A obra que deveria apenas reviralizar o skate park acabou destruindo um obstáculo histórico dos skatistas fora da pista. Uma comoção geral no meio do skate amazonense virou uma grande mobilização nas redes sociais, chamou a atenção da mídia e através do diálogo com a prefeitura, os skatistas conseguiram recuperar o local como parte da obra de revitalização.

Figura VIII: Pico histórico no Parque dos Bilhares destruído em obra da prefeitura de Manaus em 2023



Fonte: acritica.com

Casos parecidos aconteceram em grandes capitais, cada um com seus ganhos e perdas. Em Londres, o espaço situado no centro da cidade conhecido como South Bank Centre, é um símbolo de resistência do skate. O lugar faz parte do complexo brutalista Queen Elizabeth Hall e desde a década de 1970 é palco de disputas entre skatistas e o governo londrino. Após quatro décadas de resistência, a ONG Long Live Southbank conquistou o espaço em 2013 para os skatistas, e o governo britânico reconheceu seu valor comunitário. O lugar foi batizado como Undercroft Skate Space, e em 2017 recebeu algumas reformas. Atualmente é “casa” para skatistas, patinadores, bikers e artistas visuais de várias áreas.

No Brasil, é possível citar o caso do Vale do Anhangabaú em São Paulo. Que a partir da década de 1980 deixou de ser uma avenida e se transformou em uma boulevard de pedras portuguesas com arquibancadas de mármore. Esse projeto foi fruto de um concurso público realizado pela prefeitura de São Paulo a fim de que o Vale pudesse ser retomado pelas pessoas e se tornasse um espaço de atividades de lazer (DAVID, 2022). O piso plano e as bordas de mármore das arquibancadas logo chamaram a atenção dos skatistas paulistas, que fizeram desse lugar o principal ponto de encontro do skate na cidade.

Em 2019 seria iniciada uma nova “revitalização” numa parceria entre a prefeitura da cidade e a iniciativa privada. O antigo vale seria totalmente destruído para dá lugar à

um novo projeto encomendado pelo Banco Itaú (MACHADO, 2022). Os skatistas, assim como outros usuários históricos do local, se uniram e fizeram: petição online, vídeos, matérias de jornais, posts em redes sociais e protestos. No entanto não foi o suficiente, as obras foram iniciadas e em uma última tentativa, foi criado o movimento “salve o vale”, que chamou muita atenção e deu início à um diálogo entre a prefeitura e os skatistas.

No projeto original de revitalização havia a construção de uma pista de skate nova. Isso, para o poder público, sanaria qualquer atrito com os skatistas, não considerando em nada a memória acumulada e o carinho nutrido pelo local (DAVID, 2022). No entanto, os skatistas queriam o pico histórico com suas características de rua, de espaço público, “um lugar bom para a cidade, lugar de respiro, de sociabilidade, sem grades ou usos definidos” (ROMÃO, 2020, p.73). Após várias negociações, a prefeitura construiu um memorial para o skate no Vale, que preservava características antigas e o uso misto do lugar. Apesar de ser um espaço bem menor do que era, para David (2022)

Foi uma vitória, sem dúvidas: se imbricam numa fresta da biopolítica que estava fragilizada dado às contradições que o projeto estava mostrando. Podemos ver o memorial como uma forma que a agenda neoliberal encontrou para mitigar um gap de legitimidade, [...] pois o projeto contava com participação popular e esta foi quase nula. (DAVID, p. 28, 2022)

Portanto, apesar do poder se apresentar de formas dissimétricas, ele nunca é unilateral. O poder não é marcado apenas pela dominação e controle, mas pela disputa. Com base nos exemplos citados, é possível compreender que o poder da coletividade, munida de energia e informação, refaz a unidade perdida do trabalho e traz à tona o universo conflitual “cuja natureza é puramente política”.

CAPÍTULO IV – O território do skate em Manaus: pistas e picos

Nessa sessão, o enfoque das discussões será o conceito de território, ponto central para entender os lugares do skate na cidade, tanto a partir da dimensão material quanto simbólica. Para isso, traremos as reflexões de alguns autores acerca do conceito para estabelecer as bases teóricas, por onde a pesquisa deve caminhar para a análise do tema.

Pensando sobre a origem epistemológica, o território nasce com uma dupla conotação, uma material e outra simbólica. A palavra “aparece tão próximo de terra-territorium quanto de terreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para

aqueles que, com esta dominação, ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar.” (HAESBAERT, 2004, p.1)

Sendo assim, de forma geral, o território refere-se à um espaço (concreto) onde se estabelecem as relações de poder. Não de forma restrita ao tradicional poder político, mas no sentido concreto de “dominação” e no sentido simbólico de “apropriação”. Esses dois sentidos fazem referência aos conceitos, já citados, de valor de uso e valor de troca de Lefebvre (2008). Ou seja, o território pode se apresentar de forma múltipla e complexa através da apropriação dos espaços, ou de forma “unifuncional” através da lógica capitalista hegemônica.

Haesbaert (2004) com base no trabalho de Lefebvre diz que:

[...] dominação e apropriação deveriam caminhar juntas, ou melhor, esta última deveria prevalecer sobre a primeira, mas a dinâmica de acumulação capitalista fez com que a primeira sobrepujasse quase completamente a segunda, sufocando as possibilidades de uma efetiva “reapropriação” dos espaços, dominados pelo aparato estatal-empresarial e/ou completamente transformados em mercadoria. (2004, p. 2)

A essa relação de dominação e apropriação, dá-se o nome de territorialização, ou produzir territorialidade. Segundo Haesbaert (2004), o território, muitas vezes, adquire tamanha força que combina instensidades iguais de funcionalidade (“recurso) e identidade (“símbolo”). Ou seja, todo território possui uma carga funcional e simbólica ao mesmo tempo, em níveis diferentes. Por isso ele elabora um esquema genérico para ilustrar essas duas cargas do território (Quadro I)

Quadro I: As duas cargas do território em Haesbaert

“Território funcional”	“Território simbólico”
Processo de dominação “Territórios da desigualdade”	Processos de Apropriação (Lefebvre) “Territórios da diferença”
Território sem territorialidade (empiricamente impossível)	Territorialidade sem território (ex.: “Terra Prometida” dos judeus)
Princípio da exclusividade (no seu extremo: unifuncionalidade)	Princípio da multiplicidade (no seu exemplo: múltiplas identidades)
Território como recurso, valor de troca (controle físico, produção, lucro)	Território como símbolo, valor simbólico (“abrigo”, “lar”, segurança afetiva)

Fonte: Haesbaert, 2004. Org.: Igor ribeiro da Silva (2024)

Dessa forma, mais importante que entender essa caracterização genérica aparentemente dicotômica, é saber que os processos de territorialização variam muito ao longo do tempo e dos espaços. Atualmente, a característica fundamental do território segundo Haesbaert, além da existência de múltiplos territórios, é a “vivência cada vez mais intensa daquilo que denominamos multiterritorialidade.” (2004, p.6)

A multiterritorialidade em Haesbaert vai para além da existência de múltiplos territórios, esta corresponde a sobreposição de territórios, ao encaixe de territórios em diferentes dimensões e escalas. A territorialização humana é marcada pelo produzir e habitar mais de um território, e realizar isso em dimensões diferentes (da família, de um grupo, de uma nação). O geógrafo citando Barel (1986) diz que é “raro que apenas um território seja suficiente para assumir corretamente todas as dimensões de uma vida individual ou de um grupo” (apud HAESBAERT, 2004, p.11).

Segundo Haesbaert, a multiterritorialidade seria então uma questão de escala, e aqui ele chama atenção para a “compreensão tempo-espaço” (Harvey, 1992). Essa compreensão é apreendida de forma diferente entre os grupos sociais. Os espaços-tempos são completamente diferentes para os pedestres ou para os automobilistas, e no caso dessa pesquisa: para os skatistas. Logo, a representação do espaço se faz a partir de pedaços superpostos em que as configurações são muito diferentes umas das outras, o que resulta em um território fragmentado e descontínuo, mas articulados.

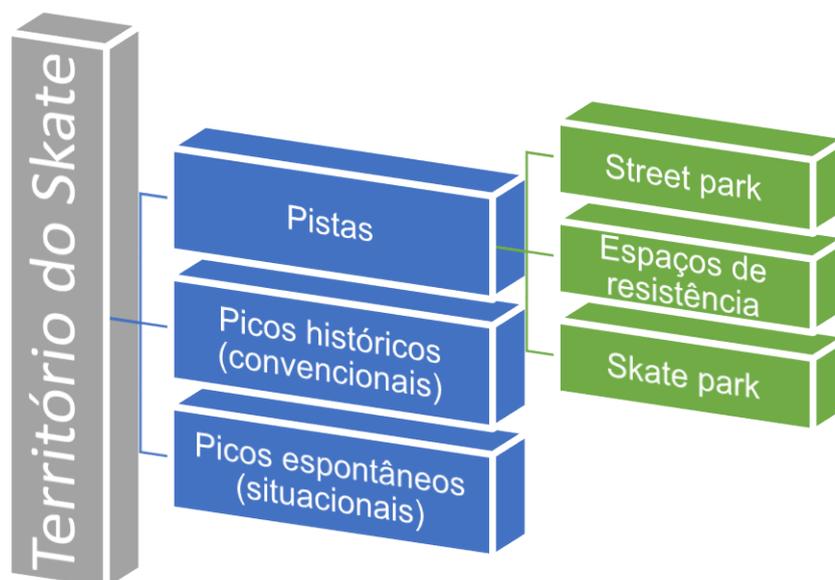
É claro que essa multiterritorialidade é atravessada pelos controles territoriais e o biopoder, na questão da mobilidade e do tempo dos trabalhadores, assim como nas configurações espaciais não-coincidentes das redes das quais dependemos, a saber: redes administrativas, de comercialização, de influência urbana, financeiras. No entanto, “muitos de nós, contudo, encarregamo-nos de desfazer a confusão deste novelo e, retomando seus fios, tecemos nossa própria rede, ou melhor, nosso(s) próprio(s) território(s)-rede(s)” (Haesbaert, 2004, p.13)

Dito isto, é possível distinguir pelo menos duas grandes perspectivas de tratamento da multiterritorialidade:

(...) aquela que diz respeito a uma multiterritorialidade “moderna”, zonal ou de territórios de redes, embrionária, e a que se refere à multiterritorialidade “pós-moderna”, reticular ou de territórios-rede propriamente ditos, ou seja, a multiterritorialidade em sentido estrito. (Haesbaert, 2004, p.348)

Com base nos conceitos apresentados acima, neste trabalho, o território do skate em Manaus se apresenta de três formas: pistas; picos⁵ históricos (convencionais); picos espontâneos (situacionais). A seguir vamos discorrer sobre cada uma dessas formas e seguir com a análise do território do skates e as territorializações dos skatistas na cidade.

Figura IX: formas do território do skate



Org.: Igor Ribeiro da Silva, 2024

As primeiras pistas que surgiram em Manaus foram o skate park da Vila Olímpica – construído no final da década de 1990, com o intuito de estimular a prática esportiva do skate na cidade – e o skate park da Ponta Negra, inaugurado em 2002 pela prefeitura de Manaus. As pistas de skate representam essa parcela do território dos skatistas construídas (geralmente) pelo poder público ou pela iniciativa privada que possui como objetivo primário a prática do skate atrelada às modalidades esportivas. Esses espaços, na cultura do skate, representam um ponto de encontro para os skatistas e outros grupos que desenvolvem suas práticas nas ruas e/ou que possuem ligações com a cultura do skate. Por consequência disso, as pistas acabam se tornando um *point* de difusão cultural, de socialização de grupos urbanos e servem como palco para eventos que envolvem esses grupos.

Atualmente, Manaus conta com cerca de 10 pistas de skate espalhadas pela cidade, sendo elas de três tipos: pistas públicas, pistas privadas e pistas construídas por *locais*,

⁵ Lugares skatéveis, propícios para andar de skate.

chamadas aqui de “espaços de (re)existência (**fluxograma**)”. Esse último tipo de pista será comentado na sessão seguinte. A partir da pesquisa de campo foi possível analisar especificidades ligadas ao tipo de pista e a localização delas.

Quadro II: Pistas de skate em Manaus

Pistas de skate	Localização
Street Park Morro da liberdade (pública)	Zona Sul
Street Park Ulysses Boca (pública)	Zona Centro-sul
Pista de skate Mindex (pública/espaço de resistência)	Zona Centro-sul
Libre Skate Park (privada)	Zona Centro-sul
Libre Skate Park II (privada)	Zona Oeste
Street Park da Ponta Negra (pública)	Zona Oeste
Street Park “Formigueiro” (pública)	Zona Leste
Street Park “ARAR” (pública)	Zona Norte
Pista de skate Viaduto do Manoa (pública/espaço de resistência)	Zona Norte
Pista de skate Viver Melhor I (pública/espaço de resistência)	Zona Norte

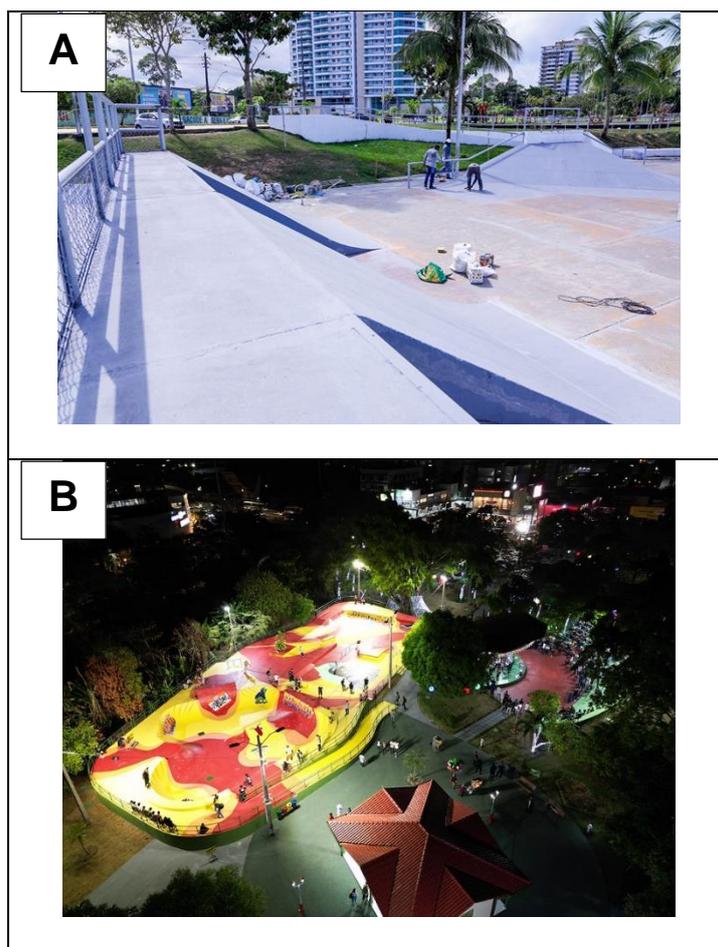
Org.: Igor ribeiro da Silva (2024)

Aqui, abre-se um parêntese para explicar as nomenclaturas utilizadas para identificar as pistas de skate em Manaus neste trabalho. A primeira nomenclatura utilizada para esses espaços é “*street park*”; utiliza-se esse nome para as pistas construídas pela prefeitura, uma vez que o uso desse local é livre para outras modalidades esportivas urbanas como: patins, patinete e *bike*. A segunda nomenclatura é a tradicional “pista de skate”, utiliza-se esse nome para as pistas construídas por skatistas, logo destinadas a essa prática (apesar de também admitirem o uso misto). As “pistas de skate” também são referidas aqui como espaços de “(re)existência”, pois são espaços públicos apropriados pelos skatistas e transformados para atender as especificidades da prática do skate. Por fim, o nome “*skate park*” é utilizado para identificar as pistas de skate privadas, pois é o nome que esses estabelecimentos utilizam para divulgação dos locais. A partir dessas diferenciações, será possível discorrer sobre cada tipo de pista.

Ao analisar os *street parks* espalhados pela cidade, apesar de todos serem obras públicas, é possível notar grandes diferenças entre os *street parks* situados nas áreas

centrais – e em bairros nobres – dos situados em áreas periféricas. As pistas do Morro da Liberdade, do Ulysses Boca e da Ponta Negra, possuem o dobro do tamanho das demais pistas situadas nas zonas norte e leste da cidade. Além disso, passam por manutenções periódicas por parte do poder público e são constantemente citados pela mídia, seja pelas manutenções da prefeitura, ou pelos eventos realizados nesses locais.

Figura X: A – Reforma do street park da Ponta Negra (2023). B – Reinauguração do street park Ulysses Boca (2024)

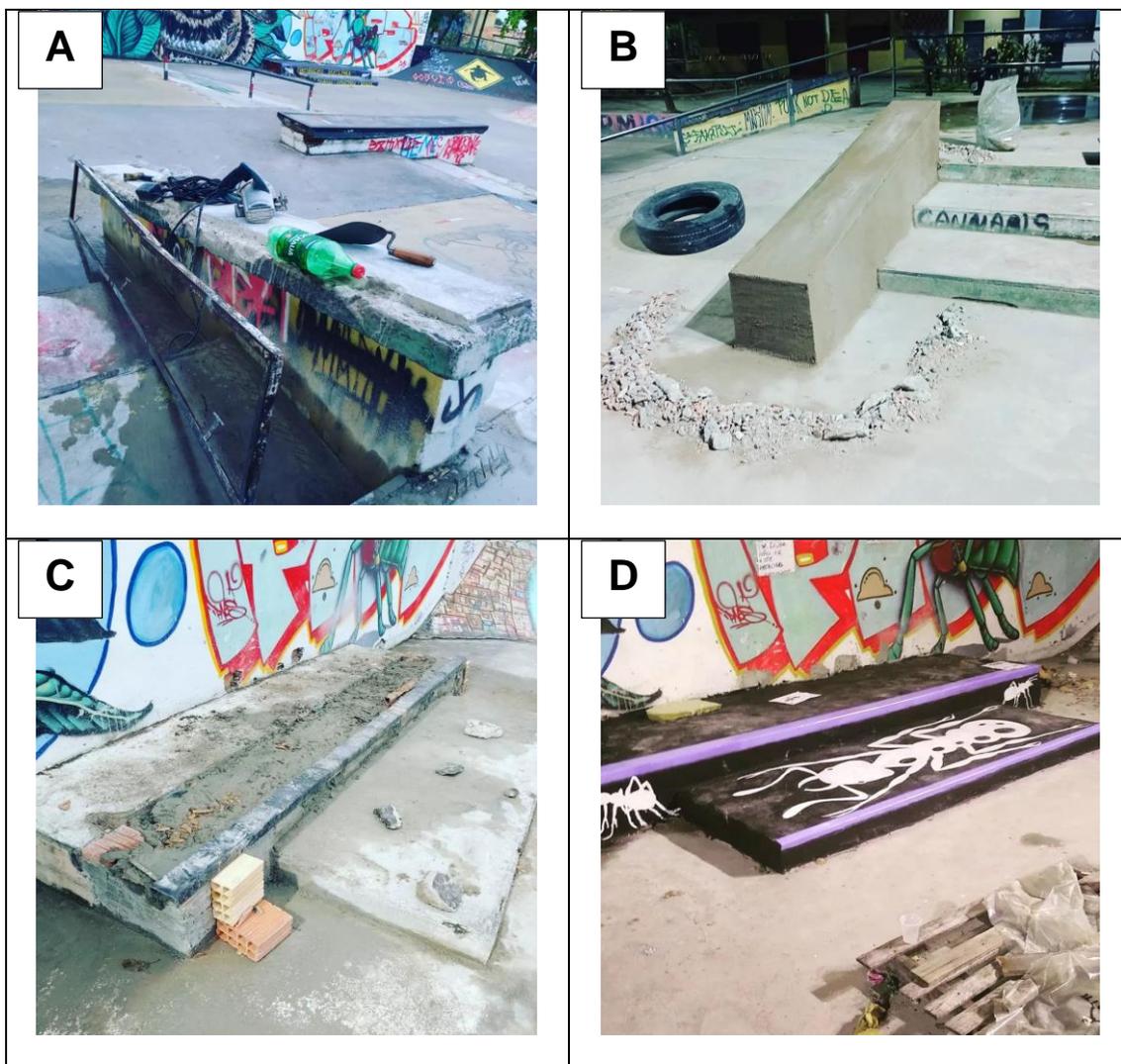


Fonte: manaus.am.gov.br (2023/2024)

Por outro lado, os *street parks* da zona norte (ARAR) e da zona leste (Formigueiro), possuem áreas limitadas e uma arquitetura que não permite uma grande circulação ou fluidez dos skatistas pelas pistas, além de não receberem nenhuma manutenção por parte do poder público desde as suas inaugurações, em 2009 e 2018 respectivamente. A Pista do ARAR, por estar localizada dentro do Centro de Convivência da Família - Teonízia Lobo, depende da administração do lugar para realizar essas manutenções. Segundo frequentadores da pista o que a administração fez pela pista “foi passar uma espécie de massa plástica nos buracos e rachaduras da pista”, que logo saíram

conforme os skatistas foram manobrando no local do reparo. Na Pista do Formigueiro esses reparos e reformas são realizadas pelos próprios skatistas e artistas através de campeonatos, eventos artísticos e manifestações nas redes sociais.

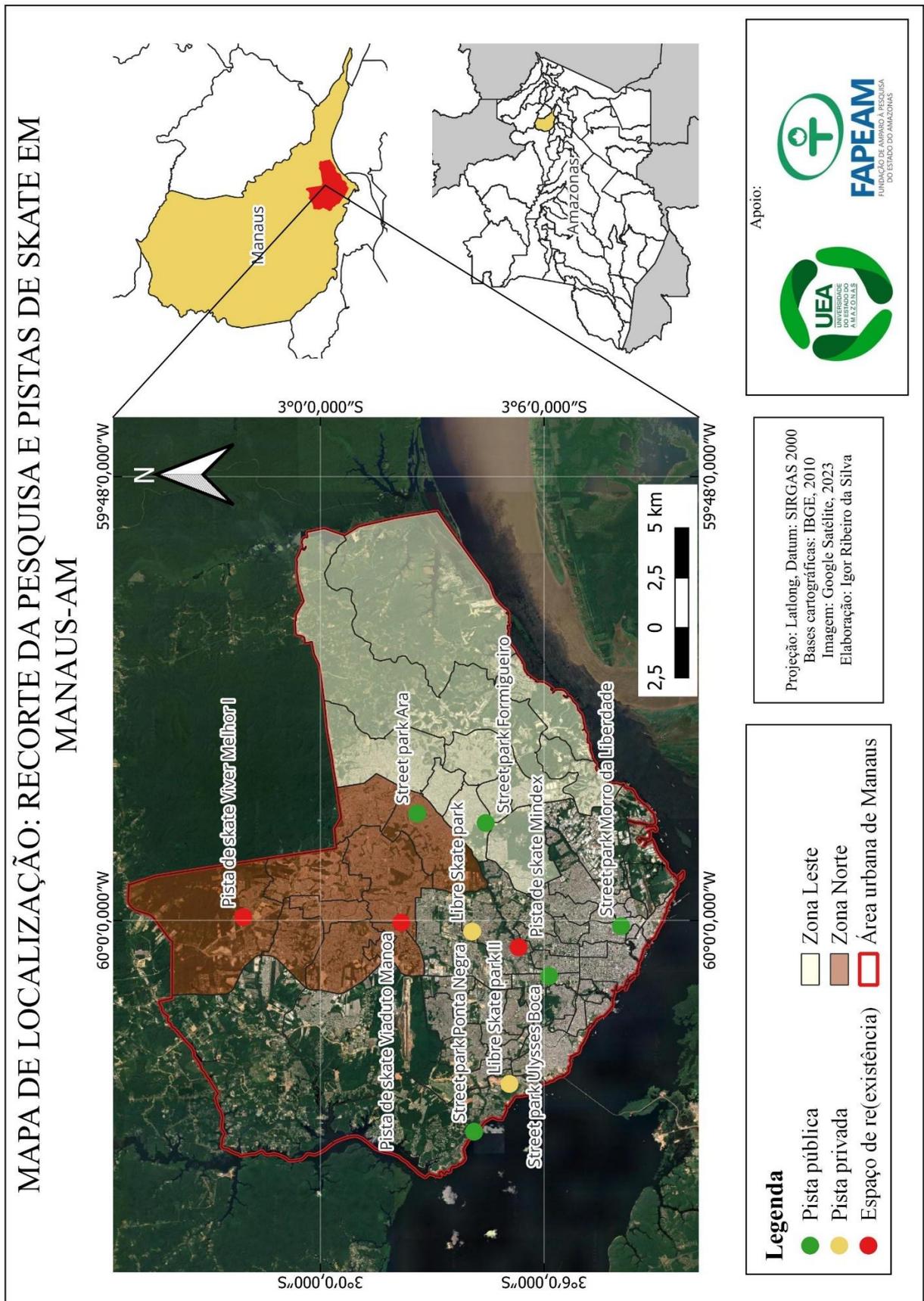
Figura XI: A – “Funbox” do Formigueiro danificada. B – “Funbox” do Formigueiro reformada pelos *locais*. C – “Caixote” do Formigueiro danificado. D – “Caixote” do Formigueiro reformado pelos *locais*.



Fonte: @Jackson_índio (Instagram, 2022)

Além dos *street parks* existentes na cidade, destacamos três pistas de skate – aqui chamadas de espaços de (re)existência – construídas por skatistas a partir da apropriação e negociação com o poder público, a saber: a pista do Passeio do Mindu, ou “pista do Mindex”; a pista do Viver Melhor I; e a pista do Viaduto do Manoa, situada em baixo do Complexo viário Professora Isabel Victoria.

Figura XII: Mapa de localização das pistas de skate em Manaus (2023)



Elaborado por: Igor Ribeiro da Silva (2023)

Por volta de 2014, os skatistas passaram a ocupar uma das duas quadras situadas no Passeio do Mindu, e construíram alguns obstáculos típicos da prática no local. O lugar, por estar em uma área central, logo se tornou um ponto de encontro para skatistas de toda a cidade, que fizeram daquela quadra território exclusivo dos skatistas. Em 2017 com a popularização do novo espaço, os skatistas locais, junto com o time de skate da marca Levi's conseguiram uma concessão com a prefeitura da cidade para construírem uma pista “oficial”. Segundo o documentário “Levi’s® Amazon Project” a prefeitura permitiu a ação e deu acesso à um dos depósitos municipais, onde os skatistas pegaram alguns objetos de concreto, usados em obras públicas para realizarem por conta própria o projeto da Pista de Skate do Mindu.

Figura XIII: A – Construção da Pista do Mindu (2017). B – Pista do Mindu atualmente (2024)



Fonte: A – Revista Trip, 2017. B – UBS Mídia Skate, 2024

Outro espaço de (re)existência do skate na cidade é a Pista do Viver Melhor. O conjunto habitacional Viver Melhor I fica situado no bairro Lago azul, no extremo norte da área urbana de Manaus. A distância do conjunto para as principais pistas de skate da cidade se tornou uma barreira para os jovens skatistas que se mudaram para o local, e que não tinham tempo nem condições financeiras para se deslocar constantemente para as

áreas centrais da cidade. Apesar do conjunto contar com algumas áreas de lazer como quadras poliesportivas e um campo de areia para vôlei, os skatistas limitavam sua prática às ruas do bairro e à uma área próximo às quadras com o chão liso e plano.

Figura XIV: A – Pista do Viver Melhor visão aérea. B – Público prestigiando o evento Conexão Hip-Hop na Pista do Viver Melhor



Fonte: A – @sinteseskate (instagram, 2023). B – Arquivo pessoal, 2023

A partir disso, segundo o skatista Kennedy Makey, ele e os demais skatistas do conjunto se reuniram com a representante do bairro para pedir autorização para construir obstáculos para o skate nessa área com o piso plano. A representante do bairro apresentou a proposta de intervenção para a Superintendência de Habitação - SUHAB, que aprovou a modificação e cederam o espaço para os skatistas. Durante dois anos, os skatistas tiraram recursos do próprio bolso e pediram doações para construir os obstáculos (em meados de 2017), os mesmos chegaram a enviarem um ofício pedindo ajuda da prefeitura para realizar a pintura da pista, ou a doação de cimento para o reparo e a construção de novos obstáculos, mas segundo Kennedy “até hoje não responderam a gente [...] não deram nenhuma resposta pra nós. E a gente foi correr atrás de outros métodos.” (grifos meus, 2023).

O espaço de (re)existência mais recente em Manaus é a Pista do Viaduto do Manóia. No início de 2021, a prefeitura de Manaus inaugurou a obra do Complexo viário Professora Isabel Victoria. Em baixo do viaduto, a prefeitura aproveitou o espaço para construir algumas edificações para uma praça de alimentação, uma quadra poliesportiva e um espaço com bancos de concreto e um piso liso, que deveria servir como

estacionamento para os usuários, o que não acontecia devido ao intenso trânsito das avenidas circundantes. Os skatistas que moravam perto logo perceberam o potencial “skatável” do local e começaram a utilizá-lo.

Figura XV: A – Corrimão instalado pelos *locais* em 2023. B – Rampa construída pelos *locais* em 2023. C – Obras da prefeitura, obstáculos de *street skate* no Viaduto do Manoa. D – Obras da prefeitura, rampa de transição no Viaduto do Manoa



Fonte: A – Arquivo pessoal, 2023. B – Arquivo pessoal, 2023. C – Luyd Albuquerque, 2024. D – Luyd Albuquerque, 2024.

Como de costume, os skatistas não se contentaram com a forma que a obra foi entregue, e trataram de fazer intervenções estruturais no local para deixá-lo mais desafiador e interessante para eles, inserindo novos bancos e um corrimão fixado no piso. Após às olimpíadas de Tóquio, em 2021, o Brasil passava por um novo *boom* do skate.

As três medalhas olímpicas impulsionaram as vendas de skate⁶ e por consequência a demanda por espaços adequados para quem estava adentrando nessa cultura. A consequência disso foi o fortalecimento do movimento do skate e a abertura por parte do Estado para o diálogo com os skatistas. A prefeitura agora estava interessada em reformar as pistas de skate da cidade e em construir novos espaços para os skatistas.

Através da movimentação e organização nas redes sociais, os skatistas iniciaram o diálogo com a prefeitura, e apresentaram a proposta da construção de uma pista em baixo do Viaduto do Manoa. A proposta, além de expressar a necessidade de espaços adequados mais próximos das periferias, também expressavam uma necessidade do skate da região amazônica, pois durante vários meses os skatistas têm a sua prática dificultada pelo período chuvoso. A projeção da pista foi iniciada em parceria com os skatistas e no final de 2023 iniciaram as obras do que pode ser, a primeira pista coberta da região norte do país.

Apesar dos *skate parks* privados também estarem carregados de aspectos esportivos, esses estabelecimentos, caracterizam-se principalmente pelo aluguel dos seus espaços skatáveis. Os *skate parks* geralmente prestam serviços de treinamento e mentoria para quem quer se desenvolver no skate a partir de aulas, e também realizam competições e eventos artísticos para promoverem seu negócio.

Os picos históricos, ou convencionais, são aqueles espaços da cidade tipicamente apropriados pelos skatistas (como já exemplificados na primeira sessão), que mantêm suas características originais, e se distanciam dos aspectos esportivos. Como já foi comentado anteriormente, as praças do centro histórico, assim como a av. Eduardo Ribeiro foram picos muito importantes e representativos para a cultura do skate manauara. E após a “revitalização” das praças do centro no Programa Cartão-Postal, o skate foi enfraquecido. Tanto por uma questão urbanística, quanto pelo fator “coerção”. Manaus é uma cidade historicamente conservadora⁷ e os skatistas são um grupo historicamente marginalizados e hostilizados por certos setores da sociedade. No entanto, após essa perda de parte do seu território, os skatistas continuaram se apropriando de praças, estacionamentos e ruas.

⁶ Segundo matéria da CNN (2021) as pesquisas pela palavra “skate” subiram 600% após a disputa da modalidade nas Olimpíadas, e as vendas de artigos de skate cresceram 57% após os jogos.

⁷ O dia 10 de março é Dia do Conservadorismo no calendário oficial da cidade de Manaus. A proposta do vereador Raiff Matos (DC) virou a lei nº 3.087 de 3 de julho de 2023. (Disponível em: <https://www.cmm.am.gov.br/proposta-de-raiff-matos-dia-do-conservadorismo-agora-e-lei-em-manaus/>)

Ainda pensando nas centralidades urbanas como importante ponto de encontro para a cultura do skate, após a extinção dos picos do centro, os skatistas se voltaram para um outro espaço: o Parque dos Bilhares, situado na zona Centro-Sul de Manaus (no bairros Chapada). Nesse local, os skatistas se apropriavam do anfiteatro do local, que possuía um chão liso e arquibancadas interessantes para subir, deslizar ou saltar, além de um objeto em formato de cone que ficava no centro do anfiteatro e possibilitava uma gama de manobras; os skatistas também se apropriaram de uma área plana com bancos na extremidade e uma espécie de pirâmide no centro (Figura VIII), que também era explorada de formas inusitadas. No entanto, após a concepção da pista Ulysses Boca o local perdeu seu apelo do skate de rua, e tem se tornado um espaço com características esportivas.

É possível citar mais picos históricos/convencionais em outras áreas da cidade, como o pico “chão vermelho”, um beco entre algumas lojas, com acesso pela av. Noel Nutels (Cidade Nova). Na zona leste temos o exemplo da Praça de alimentação & anfiteatro do Jorge Teixeira, que ainda é utilizada pelos skatistas, que saltam o palco, sobem as arquibancadas, e utilizam o piso plano do local. Também destaca-se como um pico histórico/convencional o estacionamento do Shopping Phelippe Daou, que foi cedido pela administração do local após negociação com os skatistas locais.

Por fim, os picos espontâneos⁸ ou situacionais dizem respeito a uma experiência mais individual, ou experienciada em grupos pequenos. Os picos espontâneos/situacionais são aqueles que se apresentam no cotidiano, descobertos no deslocamento pela cidade. São aqueles lugares “skatáveis” que dependem de uma brecha na vigilância para que sejam conquistados, como: a fachada de uma loja quando o estabelecimento fecha à noite, ou o corrimão do Banco do Brasil no centro da cidade em um domingo, ou aquela escadaria de um edifício quando o vigia não está olhando. Enfim, os picos espontâneos é a territorialidade mais individual experienciada pelos skatistas.

Portanto, com base nas formas pela qual o território do skate se apresenta – através das pistas, picos históricos e espontâneos – é possível dizer que este é multidimensional, multiescalar e multiterritorial. Pode ser compreendido através da lógica do espetáculo, da esportivização, e/ou através da subversão, do skate de rua. Pois como já foi exposto, o sujeito skatista não se reduz às generalizações aqui apresentadas (skatista atleta e skatista

⁸ Para entender melhor os picos espontâneos e o skate de rua, vide: FLANOU #03 - DESCONTROLE NA FARIA LIMA (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I9krrB-C0pg>)

de rua). Esse território também pode ser apreendido desde a dimensão coletiva das pistas de skate e picos convencionais, até a dimensão individual dos picos espontâneos, ou pela compreensão espaço-tempo do skatista. Por fim, esse território é multiterritorial por estar sobreposto à outros espaços, pela fragmentação e pela descontinuidade articulada. Um território-rede propriamente dito.

CAPÍTULO V – A (des)Marginalização de espaços públicos

Da utilização das praças do centro na década de 80, à primeira pista de skate coberta da região norte do país, a cena do skate em Manaus vem demonstrando sua força política, principalmente no que diz respeito à ressignificação material e simbólica dos espaços públicos. Essas ressignificações se apresentam de duas formas: primeiro dando usos diferentes para os equipamentos urbanos presentes na cidade, e segundo, realizando autoconstruções com o intuito de reparar ou remodelar os espaços públicos, aumentando assim, lance por lance, o território-rede do skate na cidade.

Nesse sentido, o *olhar do skatista*⁹ na cidade é a principal ferramenta para resistir às coerções impostas pelo reordenamento territorial realizado pela lógica burguesa, e seu aparato estatal. Pois como foi possível observar ao longo dessa pesquisa, é a partir do reconhecimento de espaços skatáveis, que essa apropriação se inicia e o território do skate ganha novos contornos. Contudo, o olhar do skatista é treinado não só para perceber aspectos físicos da cidade, mas para perceber questões sociais, econômicas, políticas, e culturais.

É a partir dessa apreensão da realidade que o skate se apresenta como uma força política. Atuando onde as redes de vigilância não o alcançam, onde as políticas públicas relacionadas ao esporte e lazer faltam. É através das “ressignificações” e as “autoconstruções” que o skate dá vida à cidade, ressaltando seu valor de uso e atribuindo à ela uma função social que antes não existia. A esses tipos de intervenções, utiliza-se o termo *Do It Yourself*¹⁰ (DIY), que em tradução livre seria “faça você mesmo”. É comum, em mobilizações – para arrecadação de recursos – realizadas pelos skatistas, ler ou ouvir as expressões “do skate para o skate” ou “de nós para nós”, o que ressalta essa ausência de apoio, principalmente público.

⁹ Relaciona-se com a expressão utilizada na Geografia “olhar geográfico”, aquele olhar que além da forma, percebe os fenômenos naturais, artificiais e antrópico; apreende a realidade de forma mais complexa

¹⁰ Esse termo é muito utilizado na cultura do skate e do punk.

Segundo a Constituição Federal e do Estado do Amazonas, o acesso ao esporte e ao lazer são direitos de todo o cidadão e dever do Estado. E segundo o Plano Diretor de Manaus a implementação do desporto e lazer constituem estratégias para o desenvolvimento do município. No entanto, o que se percebe é que nas áreas centrais – onde predominam as relações econômicas – o skate é desestimulado e por vezes afastado (forçadamente), como no caso das praças do centro histórico da cidade. Então, os skatistas – por meio de suas táticas – buscam outros locais para exercerem a sua territorialidade através do DIY.

Esses locais além de propiciar a socialização de skatistas de diferentes lugares, se tornam *points* de difusão cultural, através de eventos que reúnem nos picos e pistas, grupos como do: hip hop, rock, pintura, fotografia, audiovisual, colagismo etc. Portanto, a aparente marginalização provocada pelos skatistas, segundo o consenso popular, na verdade acaba tendo o sentido inverso. Ao se apropriarem dos espaços públicos, os skatistas passam a cuidar da limpeza e realizar reparos nos equipamentos, além de tornarem esses espaço seguros para crianças e adolescentes, afastando traficantes e usuários de drogas ilícitas¹¹ e desestimulando o uso de entorpecentes nos eventos realizados nessas áreas.

Dentro da cultura do skate, apesar de existir o aspecto esportivo, a competição muitas vezes é desestimulada. Os campeonatos independentes prezam pela socialização e adotam critérios subjetivos como “estilo”, além de existir um consenso sobre cada skatista conseguir superar seus limites e realizar suas melhores manobras no evento. Quando um skatista está fazendo sua “linha”¹², é possível observar que os demais torcem e comemoram a cada manobra acertada. Uma forma comum dessa manifestação de apoio é quando os skatistas seguram seus carrinhos¹³ com as mãos e batem consecutivamente eles no chão. Geralmente isso acontece quando um skatista consegue fazer uma manobra tecnicamente difícil, ou acerta depois de uma sequência de erros.

Nos campeonatos amadores, também é comum a troca e a doação de peças entre os skatistas. Esse é um ponto crucial para o fortalecimento do skate, já que, apesar do

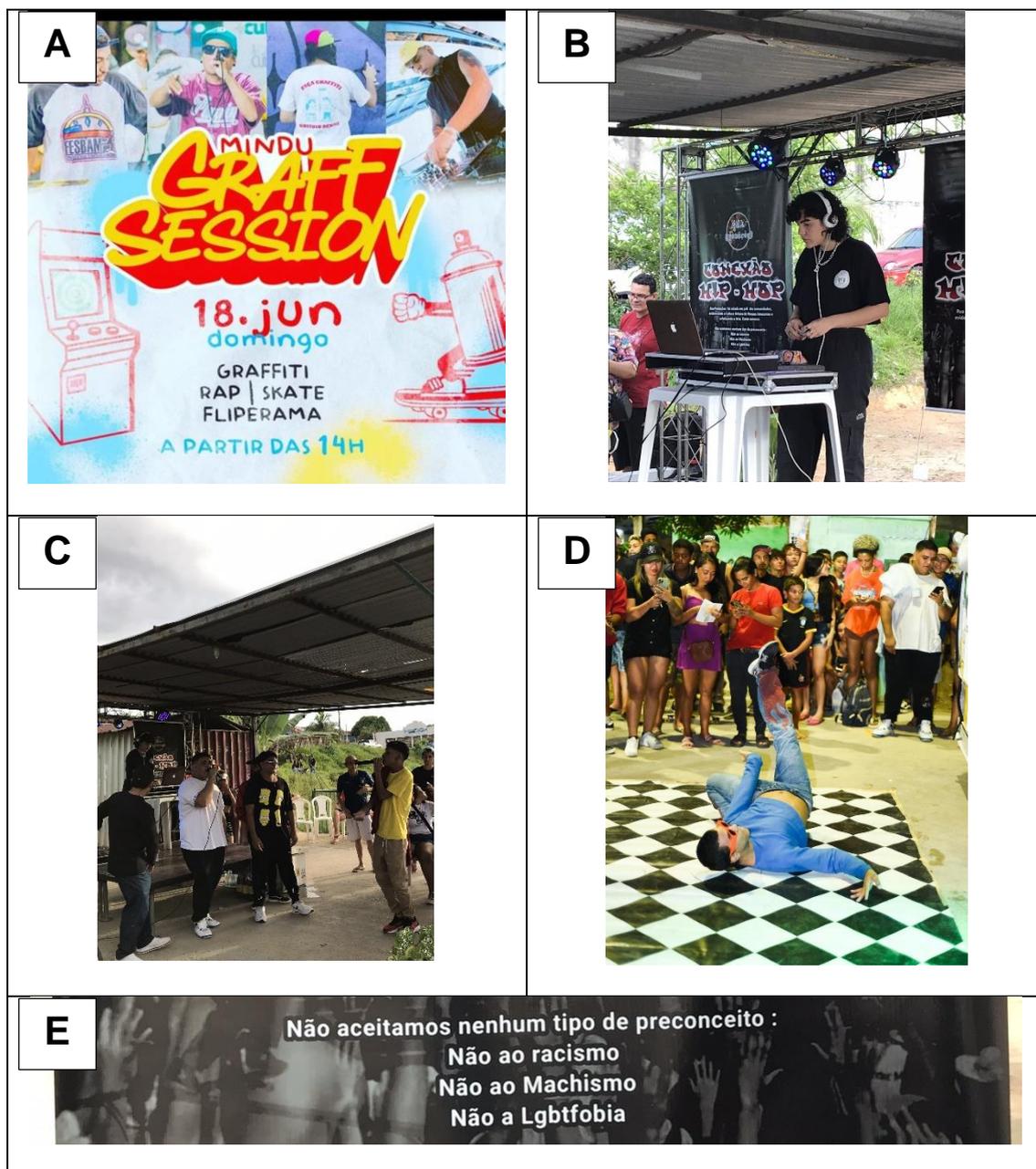
¹¹ A partir da vivência nas pistas é possível dizer que por vezes o próprio crime organizado evita a comercialização de drogas ilícitas no território do skate, por reconhecerem o papel comunitário desses locais.

¹² Expressão utilizada para a sequência de manobras realizadas por um skatista no tempo estabelecido pelo campeonato.

¹³ “Carrinho” é uma das formas de se referir ao skate.

skate ser praticado por muitas pessoas da periferia, o mesmo não é barato. E a forma de manter o “rolê” de muitos jovens, é através dessas ações. Inclusive, por vezes nesses campeonatos, existe uma premiação para o skatista com o carrinho mais danificado pelo uso, afim de incentivar aquela pessoa à continuar andando e participando dos eventos.

Figura XVI: Exemplo de algumas outras culturas tangentes ao skate, e as “máximas”¹⁴ dos eventos realizados na Pista do Mindu e na Pista do Viver Melhor I



Fonte: A - @sinteskate (instagram, 2023). B, C, D, E – Arquivo pessoal, 2023

Portanto, os skatistas possuem uma notável contribuição à cidade, ao ampliar e democratizar o acesso aos seus espaços públicos. Diante dos produtos impostos por uma

¹⁴ Regra de conduta.

ordem dominante (econômica, urbanística, etc.), os skatistas elaboram criativamente suas próprias maneiras de empregar à esses produtos novos significados, dando a eles o que Diniz e Silva chamam de contra-uso desses equipamentos. “O contra-uso é o modo de operação básico dos skatistas de rua, sua forma elementar de relação com a cidade. Relação definida por uma rede de antidisciplina, pela subversão dos usos previsíveis dos espaços públicos” (Diniz e Silva, 2014, p.4)

A essas contribuições, damos o nome de (des)marginalização, pois são ações que ressaltam o valor de uso da cidade – e atribuem uma função social para espaços públicos subutilizados – através de uma prática estigmatizada, marginalizada. Assim, ao se apropriarem desses lugares, seja pelo uso diferenciado ou pelo DIY de pistas de skate, o skate marginaliza “desmarginalizando”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do skate esporte estar em evidência atualmente, esse trabalho buscou trazer luz para a dimensão do skate como prática corporal urbana, não com o intuito dicotomizar essas dimensões, mas de fazer entender que o skate é praticado tanto nas pistas de skate, quanto em outros espaços urbanos. E a partir disso, procurou-se analisar a dimensão política dessa prática, situando o skate nas relações de poder da cidade-mundo e investigando as manifestações e transformações do território do skate em Manaus (1980-2024).

A espetacularização do skate, teve como resultado a criação do paradigma do skate esporte, que reduziu a prática de skate aos *street parks*. O resultado disso foi a estigmatização dos indivíduos que praticavam o skate nas ruas. Sabe-se que, historicamente o skate no Brasil se desenvolveu em espaços públicos e isso colocou essa prática em desvantagem nos jogos de poder realizados na cidade. Através da biopolítica, a lógica capitalista hegemônica legitimou o skate esporte, ao passo que negou o skate de rua, naturalizando as violências praticadas contra os skatistas de rua.

Em meio à fragmentação de uma cidade desigual e opressora, os skatistas através das suas táticas – após o afastamento do centro histórico – seguiram territorializando como uma forma de resistir ao ordenamento territorial burguês, dando vida à espaços públicos subutilizados e proporcionando locais de respiro para a cidade, através do ócio, do divertimento, da produção cultural. E reconhecendo que o sujeito skatista não se reduz à identidades cristalizadas (skate esporte e skate de rua), a popularização da dimensão

esportiva também fortaleceu o skate de rua, provocando uma aceitação maior por parte da população, aumentando as vendas das *skateshop* da cidade e abrindo o diálogo com o poder público.

Portanto, espera-se que esse trabalho seja mais uma contribuição para o fortalecimento do skate de Manaus, a partir do reconhecimento dos skatistas como agentes sociais – que desempenham um papel fundamental na cidade e evidenciam as falhas do ordenamento territorial desigual e opressor – e do território dos skatistas como espaço legítimo, que expressa as necessidades urbanísticas, e culturais, principalmente nas periferias da metrópole. Por fim, espera-se que a partir dessa pesquisa, outros trabalhos sejam desenvolvidos nesse sentido, uma vez que o tema ainda é pouco explorado no meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

- AMAZONAS. [Constituição (1989)]. Constituição do Estado do Amazonas. 4. ed. Atual. Amazonas: Assembleia Legislativa do Estado do Amazonas, 2019.
- AMPOST. O Skate em Manaus, 2021. Esporte. Disponível em: <<https://ampost.com.br/esporte/o-skate-em-manauis/>>. Acesso em 06 de Dez. de 2023
- BRANDÃO, L. . De Jânio Quadros a Luiza Erundina: uma história da proibição e do incentivo ao skate na cidade de São Paulo. PROJETO HISTÓRIA. REVISTA DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS DE HISTÓRIA , v. 49, p. 1-34, 2014.
- BRANDÃO, L. . Entre a Marginalização e a Esportivização: Elementos para uma História da Juventude Skatista no Brasil. Recorde: Revista de História do Esporte , v. I, p. 1-24, 2008.
- BRANDÃO, L.; MACHADO, G. Uma cultura corporal anárquica: a influência do punk na prática do skate. Cadernos de História, Belo Horizonte, v. 22, n. 37, Novembro de 2021
- BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 2016.
- DAVID, José. Quanto vale o Vale: as dinâmicas urbanas da reforma do Vale do Anhangabaú frente à prática do skate de rua. Revista Alteridade, Montes Claros – MG, v. 4, n. 1, p. 3-20, jul./dez.-2022.
- DEBORD. Guy. A sociedade do espetáculo. eBooksBrasil.com. 2003
- DIAS, Giuslaine O. Skateboard para além do esporte: manifestação social e movimento cultural. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, 2011.
- FOUCAULT, Michel. Nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HAESBAERT, R. Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. Porto Alegre, Setembro de 2004
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização: Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, David. Do gerenciamento ao empresariamento: a transformação da administração urbana no capitalismo tardio. *Geografiska Annaler*, p.3-17. 1989.

LEFEBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2008. 144 p. 1968

MACHADO, G. M. C. Cidade para quais pessoas? Sobre as contradições da reforma do Vale do Anhangabaú. *Tempo Social*, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 153-174, 2022. DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2022.190441. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/190441>. Acesso em: 2 dez. 2022.

MACHADO, Giancarlo M. C. De “carrinho” pela cidade: a prática do skate em São Paulo. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2014.

MAHEIRIE, KATIA. Constituição do sujeito, subjetividade. *INTERAÇÕES*. VOL. VII, n. 13, p. 31-44. São Paulo, JAN-JUN 2002.

MANAUS. Prefeitura Municipal. Legislação urbanística municipal. Plano Diretor Urbano e Ambiental de Manaus e suas Leis Complementares. Manaus-AM, 2021.

MARX, Karl. *Capital*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MENDONÇA, Eneida. Apropriações do espaço público: alguns conceitos. *Estudos e pesquisas em psicologia*, UERJ, RJ, v. 7, n. 2, p. 296-306, ago. 2007

MONDARDO, MARCOS. O Corpo enquanto “Primeiro” Território de Dominação: O Biopoder e a Sociedade de Controle. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Grosso do Sul, 2009.

NASCIMENTO, Maria Evany. Do discurso à cidade: políticas de patrimônio e a construção do espaço público no centro histórico de Manaus. Tese de doutorado - Programa de Pósgraduação em Design do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2014.

O’HARA, Craig. *A filosofia do punk: mais do que barulho*. São Paulo: Radical Livros, 2005.

PORTER, Roy. História do corpo. In BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992 (p. 291-328)

RAFFESTIN, Claude. Capítulo III – O Poder. *In.*: RAFFESTIN, Claude. *Por uma Geografia do Poder*. São Paulo. Ática S.A, 1993. p.51-67

1 – Endereços eletrônicos (Internet)

<https://ampost.com.br/esporte/o-skate-em-manaus/>>. Acesso em 06 de Dez. de 2023

<https://www.southbankcentre.co.uk/blog/articles/skating-history-story-undercroft-skate-space>. Acesso em 05 Fev. de 2024

<https://veteranskater.com.br/2016/08/19/revista-yeah-no-ii-na-integra/>. Acesso em 05 Fev. de 2024

<https://www.skatecuriosidade.com/revistas/revista-yeah-ano-01-n-01>. Acesso em 05 Fev. de 2024

<https://veteranskater.com.br/2016/12/02/revista-yeah-3/>. Acesso em 05 Fev. de 2024

<https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2011/12/governo-anuncia-restauro-de-pontos-turisticos-historicos-em-manaus.html#:~:text=Programa%20'Cart%C3%A3o%20Postal'%20trabalhar%C3%A1%20tamb%C3%A9m%20no%20interior%20do%20Estado.&text=O%20governador%20do%20Amazonas%2C%20Omar,cidades%20do%20interior%20do%20Estado>. Acesso em 07 Fev. de 2024

<https://pt.slideshare.net/DurangoDuarte/pracas-historicas-de-manaus>. Acesso em 10 Fev. de 2024

<https://www.skatecuriosidade.com/pistas-skt/sos-skatepark-da-vila-olimpica-manaus-2013>. Acesso em 10 Fev. de 2024

<https://artinthestreets.org/text/skate-and-destroy>. Acesso em 10 Fev. de 2024

https://dexsk8.blogspot.com/2012/07/revistas-antigas-de-skate_16.html. Acesso em 10 Fev. de 2024

https://www.instagram.com/p/CwQQ_nrLtTq/. Acesso em 10 Fev. de 2024

<https://www.instagram.com/p/CwTORIpOgXd/>. Acesso em 10 Fev. de 2024

<https://www.acritica.com/manaus/rampa-de-pista-do-parque-ponte-dos-bilhares-e-destruida-em-obra-e-skatistas-pedem-reconstruc-o-1.314982>. Acesso em 15 Fev. de 2024

<https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/2021/07/26/luiza-erundina-vira-vovo-skatistas-apos-medalhas-do-skate-nas-olimpiadas.htm>. Acesso em 15 Fev. de 2024

<https://www.riosdenoticias.com.br/etapa-com-skate-park-do-parque-dos-bilhares-e-reinaugurado-em-manaus/>. Acesso em 15 Fev. de 2024

<https://revistatrip.uol.com.br/trip/projeto-se-inspira-na-cultura-indigena-e-constroi-pista-de-skate-em-manaus>. Acesso em 16 Fev. de 2024

<https://www.cnnbrasil.com.br/economia/vendas-de-artigos-de-skate-crescem-57-apos-as-olimpiadas/#:~:text=As%20tr%C3%AAs%20medalhas%20dos%20atletas,relacionados%20ao%20esporte%20no%20Brasil..> Acesso em 16 Fev. de 2024

2. Entrevistas

- Luyd Albuquerque (2023/2024)
- Fábio Afonso (2023)
- Kennedy Makey (2023)

3. Filmes

Dogtown and Z-Boys – onde tudo começou. EUA, 2001 (Dir. Stacy Peralta)

Levi's® Amazon Project – Documentário. BRASIL, 2018 (Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=e_rgcGzRaSE&t=859s) Acesso em 05 de Fev. de 2024.

MINHA SESSION #11 - ED HENRIQUE. BRASIL, 2018 (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dsz8SoN652A&t=330s>) Acesso em 10 de Fev. de 2024.

ANEXOS

Skatista manauara mandando um Feeble Grind em obstáculo DIY. (s/d)

Foto: Arquivo pessoal de Luyd Albuquerque



Skatistas manauaras na Pista da Vila Olímpica. (s/d)

Foto: Arquivo pessoal de Luyd Albuquerque



Skatista manauara mandando 50/50 em um canteiro público. (s/d)

Foto: Arquivo pessoal de Luyd Albuquerque



Skatista saltando arquibancada em Manaus. (s/d)

Foto: Arquivo pessoal de Luyd Albuquerque



Matéria de jornal sobre skate em Manaus. (s/d)

Foto: Arquivo pessoal de Luyd Albuquerque



Skatista Manauara manobrando em um pico situacional (espontâneo) em uma loja do Centro de Manaus (2024)

Foto: Arquivo pessoal de Luyd Albuquerque



Skatista Manauara manobrando em um pico situacional (espontâneo) em uma loja do Centro de Manaus (2024)

Foto: Arquivo pessoal de Luyd Albuquerque



Rio para Nóia – No Rio e em São Paulo, os dois maiores focos de ação do Skate, o esporte enfrenta inúmeros problemas. A situação já esteve pior, mas agora pode ser considerada apenas razoável. Em São Paulo já não é difícil encontrar inúmeras empresas que investem no Skate, tais como a Urgh!, a H. Prol, a Stanley, a Plancton e tantas outras. No Rio, é mais comum que se encontre os melhores atletas sem sequer um patrocinador. Há vários motivos para todo este descrédito e o principal deles é a localização das pistas cariocas. Elas encontram-se em lugares afastados, longe dos olhares curiosos. Isto dificulta muito, no sentido de um atleta ser acompanhado pelo seu patrocinador, tanto nos treinos quanto nas competições. Felizmente existem campeonatos importantes, que atraem tanto o público quanto a imprensa especializada. O maior exemplo de competição deste nível é o Campeonato Brasileiro de Skate do Itaguará Country Club, na cidade de Guaratinguetá – SP. Este evento é realmente a maior festa do Skate nacional.

Aqui no Rio falta a iniciativa privada de empresários que realmente queiram investir no esporte. Refiro-me à construção de uma pista no coração da Zona Sul carioca, ou mesmo à iniciativa da galera na construção de rampas em mutirão. Esperamos também a volta da rampa da Company ao estádio do Remo (Lagoa) e que outras lojas sigam este exemplo.

Um abraço aos leitores e, qualquer dúvida em relação a Skate deve ser encaminhada à redação. Keep Skating!!!!

Carlos A. Coutinho – “Nóia” – Rio de Janeiro

Chuvas & Truckvoadas – Aqui em São Paulo, mais precisamente na região de Santa Cecília/Higienópolis, está chovendo skatista, mas em pontos isolados. Minha idéia é formar uma associação regional para reivindicar, junto à Prefeitura ou à presidência da república, se preciso for, uma pista, ou mesmo um bowl, na praça Marechal Deodoro. Este é um ponto de fácil acesso, pois é servido por diversas linhas de ônibus e em breve ganhará uma estação de metrô. Quando estiver pronta, vão transformar a praça em centro de lazer. Portanto, nada mais justo que um “bowlzinho” para o nosso lazer.

Quem estiver interessado em se unir a esta idéia, escreva para esta seção e faremos uma verdadeira tempestade em São Paulo.

Antônio Barbanti – São Paulo – SP

Spot alternativo – Quero chamar a atenção dos skatistas do Rio e de Niterói para uma pista no Parque Monteiro Lobato, no Barreto, para que ela não acabe desaparecendo. Para quem gosta de Free Style, lá existem também duas quadras ótimas.

Para chegar lá é só pegar o ônibus 42 em Niterói e descer em frente ao parque. A gente se encontra em alguma sessão por lá.

Roberto da Conceição – São Gonçalo – RJ

A Justiça é cega mesmo – Nós skatistas da Vila Prudente, Moóca e Jardim Avelino andávamos em uma rampa de fibreglass ao lado de um Supermercado e fomos expulsos de lá. Logo depois a loja Scoth da Paes de Barros tomou a rampa, que agora foi desativada, em exposição. Esta loja notificou, através do Surf Report, que construiria um half com ela. Ficou só na promessa até que a Howzit divulgou, através do mesmo programa, que faria “O maior half da América Latina”. Isto aconteceu em meados de 85 e até agora, nada. Até que os policiais destruíram a outra rampa, alegando que estava em local proibido (a rua não é movimentada) e que ali, garotos usavam o local para se drogar. Eu freqüentava a rampa e nunca vi ninguém drogado por lá.

Concluindo: se todas as lojas só prometem e não cumprem, como vou desenvolver meu Skate, se quando quiser treinar tenho que ir a São Bernardo?

Gostaria que vocês da YEAH! dessem uma força, para pressionar estas Surf Shops que só prometem e não cumprem sua palavra, pois aqui na área há muitos skatistas inativos por falta de pistas. Skate or Die!

Maurício “Magoo” Crestincor – Jd. Avelino – SP

A Justiça é cega mesmo II – Eu morava em São Paulo, mais precisamente no Conjunto dos Bancários, onde há um half pipe com banks. Acontece que um policial civil, dizendo ser de seu direito proibir a galera de andar neste espaço (que nos foi doado pelo condomínio Santo Antônio) cheirou nossas mãos e nos expulsou do local. Depois disto, a galera desanimou de arrumar esta pista que, durante tantos anos, foi a atração do conjunto residencial.

Alguém tem que fazer alguma coisa. Um grande abraço a todos.

Clayton Antônio Costa Dias “Ton”. – Rio de Janeiro – RJ



Por Valter Alcântara Rossi

A esperança nunca morre – principalmente quando se precisa trabalhar e simultaneamente, trazer algo de novo que poderá vir a alterar a consciência de um povo, especialmente a dos jovens. E foi exatamente o que aconteceu conosco da FL Skate (Stº André): construímos um half de madeira, a princípio para uso particular. Mas a galera invadiu, tanto para treinar quanto para assistir e, atualmente, o half é freqüentado por skaters de São Paulo, Santos, Santa Catarina (parece novena) e Floripa, entre outros. Agora que o Skate está explodindo no Brasil, como aconteceu ao Surf há alguns anos, cada vez mais atletas, patrocinadores e fabricantes se interessam pelo esporte. Em São Paulo não há lugar para se construir um half, nem outro tipo qualquer de pista, pois se houvesse, iriam fazer um prédio ou estacionamento, por questões de lucro. A tensão nesta metrópole é tão grande que não há dinheiro que pague um pouco de felicidade ou satisfação profissional. Sim, profissional, pois já existem várias empresas que mantêm atletas em roupas, equipamentos e acessórios. Só que a massa não tem consciência disto, pois todas as informações que grande parte recebe vem da TV, e este meio é conhecido por apenas divulgar ele-

mentos já massificados, ou que tragam um retorno imediato em termos de dinheiro.

Mas o fato é que tudo ia bem, até que um vizinho (e apenas ele) foi reclamar do half, difamando os skatistas, até que os fiscais o lacraram (o half) alegando que não havíamos pago a licença, e que era "irregular" tê-lo construído sem uma "certidão de uso do solo" para abrir como "diversão pública". Tomamos as providências necessárias no dia 24/3/86 e até hoje, nada. Muitas pessoas tentaram nos prejudicar, apesar de termos explicado que Skate é um esporte sadio, que faz bem para mente e corpo, etc...

Parece que afinal estamos conseguindo, depois de muita luta, portanto logo mais a galera terá um novo point para treinar e delirar com Skate.

Gostaria de agradecer às pessoas que acreditaram em nós e deram uma força: Drs. Martins, Nakai, Manolo, Sérgio, José Alberto, Mário Leão, Cocci, Sebastião Manocchelli e ao Vereador Pedro Cia. Não só por esta batalha que nos ajudaram a vencer, mas pelo Skate nacional ter aliados à altura dos inimigos. Em termos de posição, obviamente.

SKATE SPORTS

FRUT VERDE

SPORTSWEAR TEENAGERS

- ★ ELDORADO 814-4182
- ★ IBIRAPUERA 533-0879
- ★ CENTER NORTE 298-9190
- ★ IGUATEMI 210-4892



O SKATE NASCEU NA RUA

O skate nasceu na rua.

E quando há o contato com o asfalto, você sente toda a energia de andar de Skate. Algo forte, positivo, que mexe com a emoção das pessoas. O primeiro campeonato do Morumbi, realizado há alguns anos atrás era um evento feito por skatista e só para skatistas, quero dizer, os competidores, a organização e o público era composto exclusivamente de skatistas.

Sinal dos tempos, o II Campeonato Brasileiro de Street Skating do Morumbi (nome polêmico) mostrou qual o esporte não pode se esconder de sua própria evolução. Por se tratar de São Paulo, (mesmo com pouca divulgação) este campeonato constou com uma grandiosa presença de público, bem adverso por sinal diga-se de passagem punks mesclados com donos de família, industriais e office-boys, pedreiros e manequins, afinal todos aqueles que se interessam por skate, e outros que estavam de passagem e acabaram se interessando pelo evento.

Tecnicamente o campeonato enfrentou diversos problemas, tais como: locução inadequada, continuidade, premiação insuficiente e principalmente – JUIZES.

A escolha dos juizes foi feita pelos próprios competidores, o que não significa de forma alguma que os escolhidos fossem perfeitos, porém dentro dos possíveis candidatos procurou-se pelo melhor possível, portanto, a culpa não deve ser jogada totalmente aos árbitros, mas sim aos próprios competidores que o elegerão.

Nem sempre vence o melhor.

De qualquer forma o evento brilhou em muitas etapas. Por exemplo a fase de speed. Mesmo apesar da falta de público (previamente planejada) para um skatista quebrar a marca de 50 km/h em uma ladeira, é merecido no número de elogios.

Acidentes ocorrem também, como o caso do slide de Disney à frente de Bruno, que ocasionou uma queda que lhe rachou seu Flyaway (capacete) por sorte foi apenas o capacete!

Mas o que importa, é que este foi um raro campeonato que ocorreram na capital de São Paulo, cidade que

Artigo “O SKATE NASCEU NA RUA”, Revista Yeah! nº3



COMPRA-SE

- SKATE de pista em bom estado. Roger Ricardo Brooking R. D. Tatana, 72 - Bom Retiro Teresópolis - RJ Cep: 25990
- PAR DE EIXOS Midtrack DM. Douglas Ricardo dos Santos Pereira R. da Soledade, 44 - Bairro Medicina Itajubá - MG Cep: 37500
- SKATES, trucks, rodas, shapes, etc... Luiz S.Q.S., 213 - H - 102 Brasília - DF Cep: 70000
- Par de TRACKER TRUCKS, um shape model Fred da H. Prol e lixas Alva (vermelhas). José Nivaldo de Souza R. Idelfonso Albano, 2.105 Fortaleza - CE Cep: 60000

VENDE-SE

- 4 rodas H. Prol de pista, boas também para street. Tratar com Magoo. Rua José Gonçalves Galeão, 248 - Jd. Avelino - São Paulo - SP Cep: 03227
- Eixos METAL LIGHT TRUCK para free style. Parafuso da base (espigão) removível - 9,5 cm. Feito, aprovado por Lúcio Flávio, tri-campeão Free Style Pro 85.
- Shapes MAHA - Confira a qualidade. R. Jaime Batão, 478 - Hugo Lange Curitiba - PR Cep: 80040
- Rodinhas Flex por Cz\$ 800,00 o jogo. Gustavo L. Travi R. Santa Rit, 53 - apto. 607 Porto Alegre - RS Cep: 90220
- Casquilho Cupim - com 3 mm, estilo smith stix. Rua Esteves Júnior, 08/301 Centro - Florianópolis - SC Cep: 88000

TROCA-SE

- Par de eixos COSTA NORTE (free style) por um par de eixos grandes. Manoel Costa Rua Avelino, 392 Osasco - SP Cep: 06000
- 4 rodas street. Marcos Bolturi R. B, nº 19 - Jd. Joana São Paulo - SP Cep: 02318
- Jogo de rodas H. PROL Extra Bawl para arrear em Guará. Robson de Lima Dias Av. dos Bancários, 70 - apto. 24 Santos - SP Cep: 11030
- Par de patins Vegos Roller com rodas Power Roller amarelas, por um par de trucks. Independent para bowl e quatro rodas Sims. João Batista Torres Silva R. Arlindo Nogueir, 2.191 - Bl. 02 - apto. 303 Terezina - Piauí Cep: 64000

CORRESPONDÊNCIA

Prático skate e surf. Há uma discriminação enorme. Gostaria de me corresponder com garotos(as) que pratiquem estes esportes. Podemos trocar idéias.

Carla Sandra Rocha Melo R. Maria Dias de Oliveira, 30 - Jd. 13 de Maio João Pessoa - PB Cep: 5800

GRÁTIS

Vamos lá garoto, não tem tempo a perder, anuncie nos Skateficados da revista YEAH! e consiga o que quiser.

Envie seus dados pessoais (nome, endereço, cep e telefone) para Tep Perspective Editores - Rua Capitão Macedo, 99 - Vila Mariana - São Paulo - Cep 04021, aos cuidados da seção SKATEFICADOS.

Se preferir use o cupom abaixo. Datilografe ou use letra de forma.

A SER ANUNCIADO:

TÍTULO (MÁXIMO 5 PALAVRAS):

TEXTO:

DADOS PESSOAIS:

NOME _____
 ENDEREÇO _____
 CIDADE _____
 CEP _____ TEL. _____

DIORANDI SKATEBOARDING PHOTOS
 276-1128

CAMISETAS EXCLUSIVAS:

Tony Hawk • Mike McGill •
 Fly Powell Peralta •
 The Faction • Invert •
 Skaters Only • Del Mar •
 ETC...

Fuck Aceitamos encomendas p/ todo Brasil, atacado ou varejo.
skate lines. (011) 703-0509 (Walder)

klândestino
 SKATEBAGS

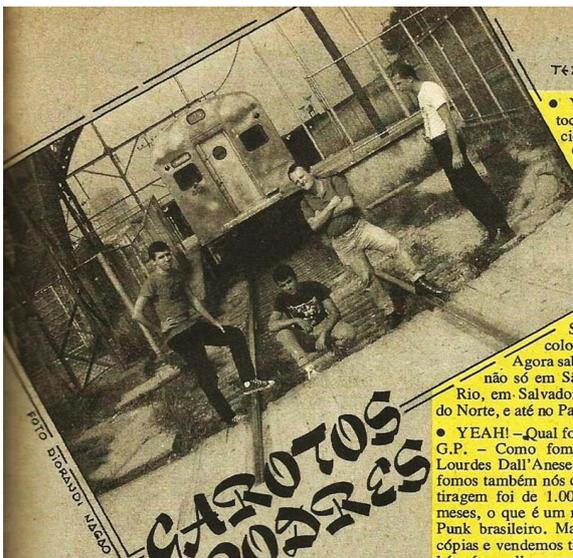
**NINGUÉM NUNKA
 SABERÁ O KE SKONDE
 UM KLANDESTINO...**

CONTATOS - MAD RATS

Skate Accessories

Loja - (011) 32-0376

1970 1980 1990 2000



TEXTO: *Cecília Gonçalves*

● YEAH! — Aquela que tocava na FM 97 no início do ano passado?
G.P. — É. O "Surf Report" foi o primeiro programa a tocar nossas músicas. Quando o LP ficou pronto, nós o levamos na rádio. Depois descobrimos que a 89 FM tocava as músicas do "Ataque Sonoro" e resolvemos colocar um LP lá também. Agora sabemos que somos ouvidos, não só em São Paulo, mas também no Rio, em Salvador, no Rio Grande do Sul e do Norte, e até no Paraguai e na Europa.

● YEAH! — Qual foi a repercussão do LP?
G.P. — Como fomos nós, com a ajuda da Lourdes Dall'Anese, que produzimos o disco, fomos também nós que vendemos. A primeira tiragem foi de 1.000 LPs e se esgotou em 3 meses, o que é um recorde em termos de disco Punk brasileiro. Mandamos pensar mais mil cópias e vendemos todas em 5 dias, o que também é a melhor marca em venda de discos independentes. A última tiragem foi de 2 mil LPs e esgotou-se em apenas um dia. Agora pretendemos mandar pensar 4 mil cópias. Alguns destes discos foram entregues à Vinil Boogie, uma distribuidora estrangeira que também vende os outros trabalhos brasileiros, como o "Olho Seco" e o "Ratos de Porão", na Europa. Em dezembro, o "Mais Podres do que Nunca" estava em 11º lugar na lista dos quarenta mais vendidos entre os grupos com os quais trabalha e nos meses seguintes pulou para o 5º lugar, sendo que o primeiro da lista era o Dead Kennedys.

● YEAH! — Como conseguiram uma divulgação tão ampla no exterior?
G.P. — Nós não fizemos nada neste sentido. As pessoas que iam viajar levavam o disco. Até o Robert Smith do "The Cure" tem um, que o Pepe Escobar vendeu quando esteve em Londres. Lá o LP foi considerado o quarto melhor trabalho estrangeiro pela revista New Music Express. Fazemos também muito sucesso na Alemanha e em Portugal.

● YEAH! — Mesmo depois de toda essa repercussão dentro e fora do Brasil, vocês nunca receberam convite de nenhuma gravadora?
G.P. — Recebemos várias propostas, mas não vamos nos prostituir. Queremos dizer o que pensamos, do jeito que quisermos sem nos comercializar. Consideramos a liberdade de expressão mais importante.

● YEAH! — Vocês não dão muitos shows por causa da famosa briga entre os Carecas do ABC e os Punks da cidade?
G.P. — Esta briga é muito mais antiga que o conjunto. Num documentário de TV na Alemanha, que falava sobre o movimento Skinhead no mundo, o repórter mencionou esta rixa.
● YEAH! — E vocês, o que dizem disto e dos Skinheads no Brasil?
G.P. — Aqui não existe aquele radicalismo que marca os Skins estrangeiros. O movimento aqui só recebe algumas influências deles. Os Carecas do Subúrbio são um grupo que tem hábitos saudáveis. Cuidam do corpo e são contra drogas. Eles curtem o nosso som e nunca nos deram problemas. Todos nós do Garotos Podres já fomos Punks, e estes também gostam do conjunto. Aliás, surfistas, skatistas e todo tipo de gente ouve nossas músicas. Nós estamos preocupados em fazer música e isto não envolve brigas. Acharmos que não precisava haver violência, mas ela deve ter um motivo. O maior e mais divulgado problema que já tivemos num show não teve nada a ver com Careca X Punk, e sim com a organização.
● YEAH! — Como foi?
G.P. — Foi no "Cidade Live Concert", no Rio. Puseram a gente para tocar com o Ritchie, o Cazuza, Robertinho do Recife, estas coisas. Aí entramos no palco, pegamos os microfones e começamos a xingar os organizadores do evento. Saímos agarrados pelos seguranças e no dia seguinte tínhamos virado o ponto alto do show. No Jornal do Brasil saiu uma matéria quase totalmente dedicada a nós e apenas citava os outros nomes, já consagrados. O artigo dizia mais ou menos assim: "Os Garotos Podres têm tudo para conseguir um público fiel".
● YEAH! — Como vocês definiriam o seu estilo e quais influências receberam?
G.P. — Nós não imitamos ninguém. Gostamos dos grupos Oi da Alemanha, Itália e Inglaterra, mas o nosso estilo é todo pessoal. Gostamos muito das letras dos conjuntos como "4 Skins", mas tratamos de temas brasileiros, como o desemprego, a fome e outros problemas que têm mais a ver com a realidade nacional.
● YEAH! — E para vocês, qual é o maior problema do Brasil?
PORTUGUÊS — Os políticos em geral.
MAU — O Governo.
MAURO — Eu não acho nada.
SUCATA — Falta de consciência e de liberdade de expressão. Estou desempregado. Eu, o Português e o Mauro.
● YEAH! — Algum recado para as bandas que estão começando?
MAU — Toquem apenas aquilo que gostam. Não se prostituam.
SUCATA — Estou vendendo meu DKV por 15 mil.
MAURO — Eu quero um skate de Street.
PORTUGUÊS — Não considerem uma banda ruim só porque ela é independente.

Estes são os tais Garotos . Podres mesmo são os Poderes.

Os "Garotos Podres" são um grupo que personifica todo o espírito do meio que o gerou: irreverência e inteligência contra a ignorância e violência resultantes do alvo mais visado de sua crítica: o Sistema. Com objetividade e senso de consciência, estes músicos mostram como fazer um público dançar e pensar ao mesmo tempo.

Na estrada desde 82, o grupo já tem um LP — Mais Poderes do que Nunca — e uma participação na coletânea "Ataque Sonoro", além de ser presença freqüente nas FMs alternativas (ou não) de São Paulo e do Rio.

Saibam porque, nas linhas e entrelinhas que se seguem, a Europa está aplaudindo os "Garotos Podres" de pé:

● YEAH! — Qual é a atual formação do grupo?
G.P. — Mau, gaita e vocal solo; Mauro, guitarra; Português, bateria e Sucata no baixo. Todos os componentes fazem vocal e compõem as melodias. A maioria das letras é da autoria do Mau.

● YEAH! — Qual foi a primeira aparição dos Garotos Podres em público?
G.P. — Nós tocamos ao vivo pela primeira vez em junho de 83, no Teatro Municipal de Santo André, num show em benefício do fundo de greve do Sindicato dos Metalúrgicos. Depois disto demos mais alguns shows, sendo que depois da nossa apresentação na Biblioteca Municipal de Mauá resolvemos gravar uma fita Demo.

BLOCKHEAD

S K A T E G E A R

CAPACETES NOS MODELOS:

- PROTEC REGULAR CUT
- PROTEC SIDE CUT
- FLYAWAY

BLOCKHEAD BAGS
BLOCKHEAD PADS

TEL: (011) 444 8605




Indicação da banda de punk Garotos Podres. Revista Yeah! n°2